

Ilustração: Rafael Campos Rocha

Duelo de saberes

Fundamental na formação
de leitores, a literatura
infantojuvenil enfrenta
grandes desafios diante
das novas tecnologias

EDITORIAL

Em um tempo em que as crianças parecem totalmente desvinculadas do livro de papel, mais afeitas às maravilhas do mundo digital, uma aparente contradição se revela: nunca se leu e publicou tanto no Brasil. Para discutir essa questão, a edição de outubro do **Cândido** dedica sua capa à literatura infantojuvenil. Grandes autores, como Ana Maria Machado e Ricardo Azevedo, que há décadas acompanham o desenvolvimento da leitura no Brasil, falam sobre os desafios e as vantagens de formar novos leitores na era da internet e das redes sociais.

“É um desrespeito à inteligência dos jovens imaginar que, por estarem acostumados com computador e internet, convertem-se em semianalfabetos, incapazes de se deliciar com um bom texto que não fale de sua realidade imediata”, defende Ana Maria Machado.

“O que preocupa não são as novas tecnologias, mas sim sua utilização por gente individualista e consumista, por técnicos acrílicos e despolitizados”, afirma Ricardo Azevedo, em entrevista ao **Cândido**. A discussão é recheada por texto que tenta desvendar o fascínio de jovens pela literatura de fantasia, um gênero bem-sucedido e que ganhou toque brasileiro nos últimos anos, com ascensão de *best-sellers* nacionais como André Vianco e Eduardo Spohr.

A edição traz ainda texto especial do escritor Roberto Gomes sobre a poeta Helena Kolody, que agora em outubro completaria 99 anos; crônica inédita de Heloisa Seixas sobre sua descoberta da escrita; e poema de Adélia Prado, uma das maiores poetas da literatura contemporânea brasileira.

Boa leitura a todos.

CARTUM

OLAVO ROCHA E GUILHERME CALDAS



ANDRÉ DHAMER



CARTAS

“Acabo de ler boa parte do que se encontra no **Cândido**, e percorrê-lo todo, da entrevista do Miguel Sanches Neto às pequenas notas com personalidades variadas sobre livros preferidos.”

Salim Miguel – Florianópolis/SC

“Escrevo para parabenizá-los pela inteligente e bonita publicação com a qual acabam de presentear os paranaenses. Desejo muito sucesso e torço para que este seja apenas o primeiro passo de uma longa caminhada cheia de conquistas.”

Cristiano Viteck – Marechal Cândido Rondon/PR

“Em primeiro lugar, quero parabenizar o excelente trabalho registrado no jornal **Cândido**. Fiquei surpresa quando encontrei o nº 2, de setembro, nas Livrarias Curitiba, ao lado no *Rascunho*, jornal que já acompanho há um tempo. Devorei todas as páginas, delicie-me com o lindo poema *Lapa*, de Alberto Martins, e com todo projeto gráfico do jornal. Parabéns! Através do seu jornal, a Biblioteca Pública do Paraná cumpre o seu papel de divulgar, contribuir, produzir e construir nosso mundo literário paranaense.”

Noemi Nascimento Ansay – Curitiba/PR

“Estou colecionando o **Cândido**. Um dia vai valer ouro os exemplares números 1 e 2.”

Dylon Zatorski – Curitiba/PR

EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior.

Redação: Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Guilherme Sobota e

Monique Cellarius

Fotografia: Kraw Penas. Projeto gráfico: Alexandre

de Mari. Diagramação: Carlos Bovo. Colaboradores desta edição:

Ana Maria Machado, Adélia Prado, Assionara Souza, André Dahmer,

Camila Gazzola Schiffli, Guilherme Caldas, Heloisa Seixas, José Marconi,

Olavo Rocha, Rafael Campos Rocha, Rita Solieri Brandt Braga, Roberto

Gomes e Yuri Al'Hanati.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

• Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO NO CÂNDIDO

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas, que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
- De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem).

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor. As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

Lembro que, lá pelos 12 anos, ao percorrer as prateleiras da biblioteca da minha cidade escolhi, pelo título, *O vermelho e o negro*, de Stendhal. Mesmo sem perceber as complexidades da narrativa, fiquei encantada com a trajetória de Julien Sorel, personagem que enfrenta suas paixões e dúvidas em meio às transformações da sociedade. Ter reconhecido nele uma personagem moderna, em crise, ajudou a moldar o meu gosto pelo aspecto psicológico das personagens e pelas contradições que o ser humano carrega, na vida e na arte.

Celina Alvetti é jornalista e professora da PUC-PR. Mora em Curitiba (PR).

Divulgação



Três autores redefiniram minha apreciação literária. Um deles é o quase óbvio Edgar Allan Poe, seguido pelo infalível J. D. Salinger. Recentemente o que mais tem me tomado por assalto é Chuck Palahniuk. Mais conhecido por *Clube da luta*, este autor estadunidense tem uma série de outros livros igualmente ou ainda mais impactantes. *No sufoco*, por exemplo, mescla perversões sexuais com crítica social. Mas o mais marcante de seus livros ainda é *Sobrevivente*. É a história do último remanescente de uma seita que decretou suicídio coletivo aos seus seguidores. Em sua jornada, narrada de dentro de um avião suicida, o protagonista faz atendimentos falsos na linha de um disque-ajuda, conta com o auxílio de uma vidente que não se surpreende com nada, tem um brilhante diálogo com seu irmão através de um *glory hole* de banheiro público e um brilhante duelo final sobre um lixão repleto de revistas pornográficas. Palahniuk tem habilidade para celebrar as idiossincrasias da humanidade, conseguindo sustentar ao mesmo tempo uma doce crueza e uma torpe poesia.

Paulo Biscaia Filho é diretor de teatro e cineasta. Escreveu e dirigiu o longa-metragem *Morgue Story – Sangue, Baiacu e Quadrinhos*. Vive em Curitiba (PR).

Divulgação



“O livro *Antonio*, da escritora Beatriz Bracher, foi um dos poucos que consegui ler até o fim neste ano. O romance fala de um filho em busca da sua história, impulsionado pela descoberta tardia de um outro filho, de um outro tempo, da mesma mãe, com o mesmo nome. Essa história é contada de diversas formas e olhares pela família e por conhecidos. Encontrei a autora em um evento. Me aproximei e pedi um autógrafo. Enquanto ela, timidamente, aceitava o desafio do improvisado, falei bem baixinho: “amei sua família!” Ela abriu o livro, delicadamente, e escreveu: “Amor recíproco”. *Antonio* e Beatriz agora fazem parte da minha história.

Selma Mitie Taketani Utrabo é proprietária da Itiban Comics Shop, loja especializada em histórias em quadrinhos. Vive em Curitiba (PR).

Divulgação



“Indico *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino, pois a partir deste livro aprendi a gostar de literatura. Diferente das coisas “chatas” que temos que ler no ensino médio, quando ainda não temos muito conhecimento de literatura e acabamos por não entender nada, o livro de Sabino é de fácil entendimento, dinâmico e muito divertido. Além de nos ensinar muita coisa, o escritor cita diversos autores ao longo da história.

Danielle Ribeiro é estudante de Letras – Espanhol e vigilante da Biblioteca Pública do Paraná desde 2008. Vive em Curitiba (PR).

Kraw Penas



CURTAS DA BPP

“Um Escritor na Biblioteca” tem duas edições em outubro

Em outubro, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” terá duas edições. Reinaldo Moraes participa no dia 4 de outubro; já no dia 18, Sergio Sant’Anna é o convidado. Os encontros acontecem sempre às 19h, no auditório Paul Garfunkel da BPP. Moraes e Sant’Anna são, respectivamente, o sexto e o sétimo escritores a participar do projeto em 2011, que já contou com as presenças de Cristovão Tezza, Elvira Vigna, Ana Paula Maia, Luiz Ruffato, Antônio Torres e Marçal Aquino. Nos encontros, o autor fala sobre literatura e sobre como as bibliotecas influenciaram sua formação como leitor e escritor.

Inscrições abertas para oficina com Marcos Damaceno

O diretor e dramaturgo curitibano Marcos Damaceno coordenará a próxima Oficina de Criação Literária na BPP. A oficina de Texto Dramático acontece entre 24 e 28 de outubro, das 14h às 18h, na Sala de Reuniões da Biblioteca. As inscrições devem ser feitas até 15 de outubro, pelo e-mail oficina@bpp.pr.gov.br. Os interessados precisam encaminhar um breve currículo e um formulário respondendo as seguintes questões:

- 1) Por que você quer participar da oficina de dramaturgia?
- 2) Quais foram as últimas peças de teatro a que você assistiu?
- 3) Quais foram as últimas peças que você leu?

O material será avaliado pelo próprio Damaceno. As inscrições são gratuitas e as vagas limitadas. Esta é a sétima edição da Oficina BPP de Criação Literária em 2011. Já passaram pela BPP autores como Michel Laub (Narrativa de Ficção), Luiz Ruffato (Romance) e Humberto Werneck (Crônica), Miguel Sanches Neto (Conto).

Aventuras Literárias

A próxima edição do projeto “Aventuras Literárias” traz à BPP a escritora e professora Liana Leão. O encontro acontece 15 de outubro, às 15h, no auditório Paul Garfunkel, no 2º andar da BPP. A entrada é franca. Liana Leão é graduada em Literatura Americana e Inglesa pela Jacksonville State University (EUA) e em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também é mestre em Comunicação pela mesma universidade e mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Paraná, além de possuir doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000). É autora de diversos livros voltados ao público infantojuvenil, como *O livro dos corações* (Salesiana, 2006), *Ju-lieta de bicicleta* (Cortez, 2005) e *A caixinha de narizes* (Cortez, 2006).

Semana Nacional do Livro e da Biblioteca

Entre 24 e 29 de outubro, a BPP promove programação especial em homenagem à Semana Nacional do Livro e da Biblioteca. O destaque da programação fica por conta da palestra do escritor Affonso Romano de Sant’Anna, no dia 24, às 10h30, sobre sua experiência como diretor da Biblioteca Nacional. Às 10h, será lançado o Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura do Paraná. Exposições, oficinas, apresentações de piano e contação de histórias também estão na programação.



Antônio Torres

Quinto convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, Torres relembra sua infância com livros no interior da Bahia, fala de seu processo de criação, da influência do jazz em sua literatura e da relação de amizade com Moacyr Scliar, morto no começo deste ano



Não são poucos os escritores que creditam sua entrada na literatura a algum fato pontual ocorrido em suas vidas. Dalton Trevisan, por exemplo, “virou” escritor depois de um acidente, que quase o matou, sofrido na fábrica de vidros de seu pai. J.D. Salinger, que lutou na Segunda Guerra Mundial, teve sua trajetória como escritor marcada pelo desembarque na Normandia, no Dia D.

Antônio Torres não teve nenhuma experiência traumática, mas se lembra bem do dia em que nasceu como ficcionista. Nascido em 1940, em um povoado da Bahia à época chamado Junco (hoje a cidade de Sátiro Dias), Torres virou escritor ainda na infância, quando foi desafiado por uma professora a escrever uma redação sobre “um dia de chuva”. “O lugar era chegado numa seca. Escrever sobre chuva exigia muita imaginação. Eu acho que foi nesse dia que ela fez de mim um ficcionista”, disse o autor durante o bate-papo “Um Escritor na Biblioteca”, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná. Apesar da relação estreita com o Nordeste brasileiro e o modo de vida sertanejo, Antônio Torres, no entanto, nunca deixou que esse traço biográfico fizesse dele um escritor monotemático, guiado apenas por sua biografia. Seu primeiro romance, *Um cão uivando para a lua*, não é um livro sobre o Brasil profundo, mas sim uma obra que transita com a mesma desenvoltura por cenários rurais e urbanos. Seu grande sucesso veio em 1976, quando publicou *Essa terra*, narrativa de fortes pinceladas autobiográficas que aborda a questão do êxodo rural de nordestinos em busca de uma vida melhor nas grandes metrópoles do Sul e Sudeste.

Em 2000, Torres ganhou o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra. Em 2001, foi o vencedor, junto com Salim Miguel, do Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, por seu romance *Meu querido canibal*.

Aos 70 anos e depois de onze romances, Torres ainda persegue o livro perfeito. “A essa altura já não tenho nenhuma ilusão de que vou ganhar o Prêmio Nobel, de que vou fazer e acontecer. O que quero é viver mais para escrever bastante e tentar, quem sabe, me superar naquilo que eu já fiz.” Confira os principais trechos da conversa, mediada pelo jornalista Luiz Andrioli.

Como nasce o leitor

Eu vim de um interior em que o interior de hoje seria impensável naquele tempo. Era um lugar sem notícias das terras civilizadas, como cantava o Luiz Gonzaga, rei do baião. Uma terra sem livros. Ali, naquele lugar, não existia nem escola. Existia um professor particular que era mestre mais na palmatória do que nas letras. Esse homem virou uma celebridade no lugar. O nome dele era Laudelino Mendonça, conhecido como “Pai Lau”. Porém, eu não fui aluno dele. Eu tive a sorte de pegar a primeira escola pública que apareceu no lugar, já na segunda metade dos anos 1940. Era a escola – até hoje muito criticada – que vinha no bojo dos projetos ufanistas do Governo Vargas. Era uma escola criada pelo Villa-Lobos, na verdade. A marca dessa escola era a cantoria, diariamente, de hinos e a leitura de poemas patrióticos. Isso me marcou muito, porque quando cheguei à escola – eu nasci na roça, num mundo rural completamente isolado, diferente do que ele é hoje – já estava semialfabetizado pela minha mãe. Um dia ela chegou em casa, num dia de feira, e apresentou para o filho mais velho um objeto não identificado. Que era um ABC. É a imagem mais forte que eu tenho da minha infância: eu sentado no chão, onde estava brincando de bola de gude, e minha mãe chegando com aquele presente. Abre e começa a me mostrar o que era o ABC. As letras. Eu via aquele conjunto enigmático diante de mim e fiquei fascinado. Pela descrição que ela fazia das letras, percebi que cada letra tinha um desenho e cada desenho criava para ela uma personalidade própria, um nome. Fiquei encantado, maravilhado. Ela percebeu e, no embalo, já passou para o “be-a-bá”, para a formação de palavras, começou a me explicar que aquilo dava nome a tudo que havia no mundo. Tudo começava ali, naquele ABC.

Influência da primeira professora

Minha mãe fazia parte do projeto de cataquese elaborado por uma professora que tinha vindo de fora para abrir a primeira escola pública da minha cidade, que por sinal, naquela época, ainda não contava com alunos, porque os pais não queriam que os filhos fossem estudar. As filhas para não aprender a escrever cartas para os namorados. E os filhos para não desfaltar a mão de obra na lavoura. Era um drama para a professora. Ela teve que fazer toda uma cataquese junto às mães. Esse ABC que minha mãe me deu já fazia parte desse projeto. Então, quando minha mãe me levou para a professora, ela deu graças a Deus, tinha um aluno já adiantado no processo de alfabetização. Aí, nesse encanto, tome poema patriótico, tome leitura em voz alta – que são minhas oficinas literárias até hoje: são essas leituras que eu tive na escola primária. Depois de velho, percebi o quanto foram importantes aquelas leituras em voz alta. Eu sei que no primeiro Sete de Setembro, ela me pôs num palanque na frente da escola, numa praça empoeirada, entupida de gente, eu tremendo. Calça curta azul marinho, uma fitinha verde e amarela, uma bandeira do Brasil numa mão e Castro Alves na outra! “Auriverde pendão de minha terra/ que a brisa do Brasil beija e balança/ estandarte que à luz do sol encerra/ as promessas divinas da Esperança...” Eu achando que ia cair de tanto tremer. Quando olho, o povo chorando. Acho que é por isso que até hoje faço palestra, porque esse negócio tem uma resposta. O povo chorava, o povo não entendia o que era auriverde, o que era pendão da esperança, estandarte muito menos, mas estava achando um grande barato aquele garoto da roça ter tido a coragem de decorar todas aquelas palavras bonitas. Era quem a missa em latim, ninguém entendia nada, mas era bonito demais. Depois que traduziram a missa, ficou sem

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

graça. “Introire altare Dei” é muito mais bonito que “Introduza o altar de Deus”. Então, era essa coisa da força do Castro Alves, o poeta romântico, que certamente pouco se entendia, mas não tinha importância. Entender aquilo era uma questão também de licença poética.

José de Alencar

Uma das lembranças que tenho, é de minha professora Tereza chegando e abrindo as janelas da escola, aquele solão de sertão. Então, ela põe os livros na mesa, coloca os meninos em fila e abre o livro, chamado *Seleção escolar* – uma antologia de contos, crônicas, poemas e trechos de romances. Ela abria e mandava um menino ler. Isso me marcou muito também. Abria-se: “verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba”. Começo da *Iracema*, de José de Alencar, que é um poema em prosa, do qual eu nunca esqueci. Imaginem vocês o que era a leitura desse trecho, falando desses verdes mares, para um menino que vivia num lugar que não havia nem rio, quanto mais verdes mares. O que era uma jandaia? Uma carnaúba? Passei noites e noites sonhando com os verdes mares. Quando eu fui a Fortaleza pela primeira vez, colocaram-me num hotel na beira-mar. Eu abri as cortinas e vi os verdes mares. E dos verdes mares eu vi a professora saindo, com aquele livro na mão. Eu fui descobrir o que era uma carnaúba no ano passado, no Salão do Livro do Piauí, quando o Cineas Santos, o escritor local que organiza o Salão, foi me levar para conhecer a cidade e me mostrou um pé de carnaúba – uma

“ O que eu quero é viver o suficiente, para escrever bastante e tentar, quem sabe, me superar naquilo que eu já fiz.”

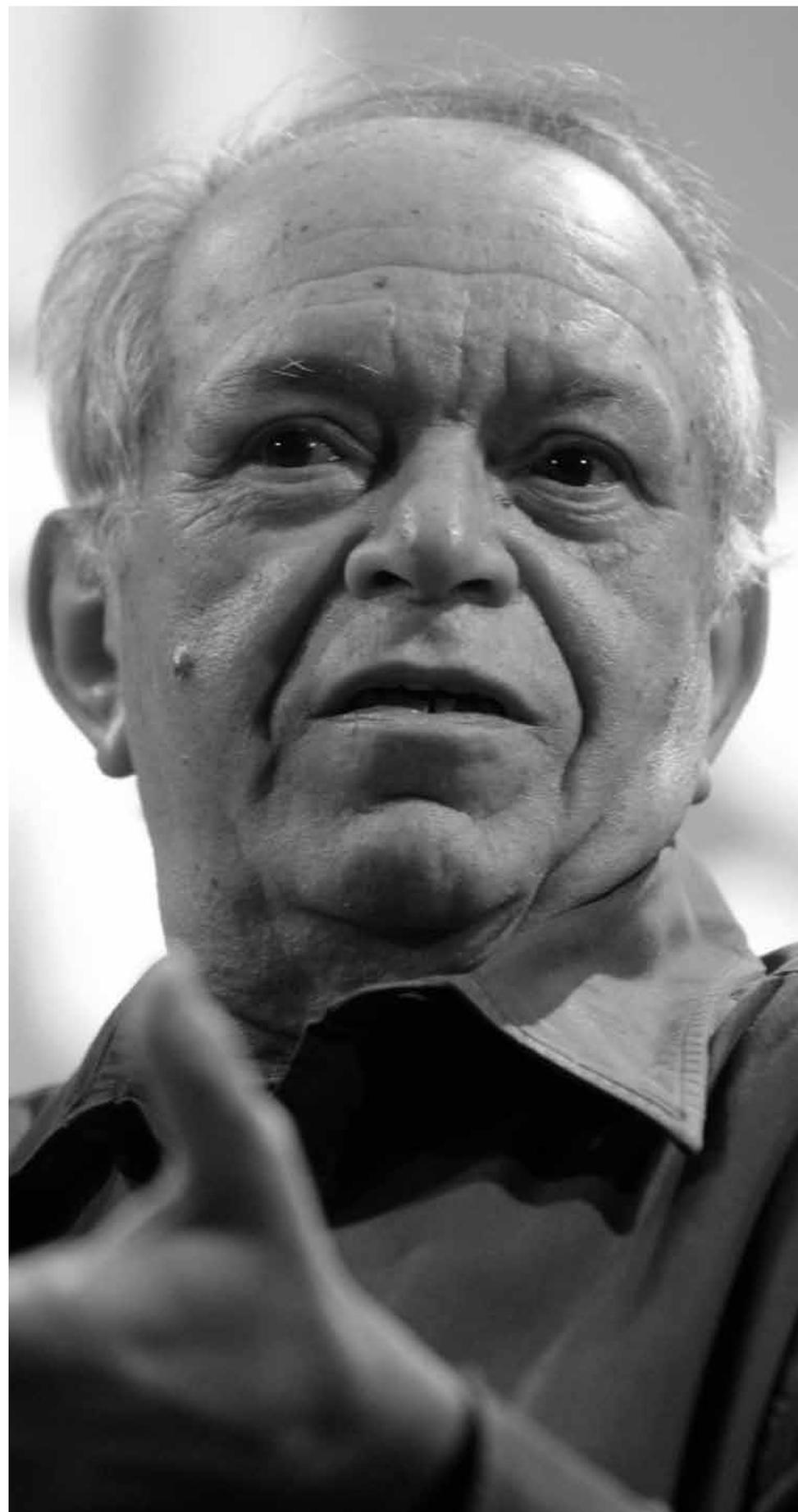
árvore frondosa, imensa. Eu olhei e disse: “bom-dia, dona carnaúba, a sua fama vem de longe”. E a carnaúba não se moveu, orgulhosa de si. Então, as primeiras leituras foram isso, em uma terra que não tinha biblioteca, não tinha livros, não tinha nada.

Nasce o escritor

Na verdade, o método da minha professora era uma oficina literária. Hoje eu sei. Era fantástico. Ela começava com a leitura em voz alta, depois lia para a gente copiar. Depois, tinha o ditado. Em seguida, vinha corrigir. Depois ensinava a fazer cartas. Tinha um começo determinado: “inesquecível amigo, o motivo destas mal traçadas linhas é dar-te as minhas notícias, e ao mesmo tempo, receber as tuas. Como tem passado? Bem, não é?”. O começo estava armado. Depois, ela ensinava a fazer composição escolar. Os temas eram ligados à nossa realidade. À casa. À roça. Um dia ela pegou pesado. O tema seria “Um dia de chuva”. O lugar era chegado numa seca. Escrever sobre chuva exigia muita imaginação. Acho que foi nesse dia que ela fez de mim um ficcionista. Fui desafiado. Era muito seco aquele lugar.

Literatura ritmada

O ritmo marca muito minhas frases. Mas isso vem da escola, vem dessas leituras em voz alta. Nelas, você pega o ritmo das palavras, som, cor, imagem, até sabor. A leitura em voz alta leva muito a isso. Por isso que as minhas oficinas são marcadas por essa leitura, por essa música. Um tema recorrente na minha cabeça é o “Blue Monk”, do Thelonious Monk. Na minha fantasia, cada “frase” da música é uma frase que eu escrevo. Fecha-se um bloco substantivo, bem definido, ritmado. Depois entra o saxofone, a bateria, a cozinha toda, aí você solta a franga, desmunheca. Mandar entrar todos os adjetivos, advérbios,



“ Não tenho mais a ansiedade do livro na prateleira.”

tudo que te proibiram usar. Se você já foi capaz de fazer um bloco todo substantivado, você tem moral suficiente de fazer o que quiser no próximo bloco. Claro que isso é uma viagem de quem escreve. Mas acho que o ritmo marca muito o que escrevo, me dá uma pontuação de fato. Eu sinto isso em determinados momentos. Por exemplo, no começo do meu romance *Meu querido canibal*: “era uma vez um índio. E era nos anos quinhentos nos séculos das grandes navegações – e dos grandes índios”. Esse travessão para o leitor não significa nada, mas para mim significa tudo. Uma quebra, uma dissonantada à Thelonious Monk. É isso que eu gostaria de atingir.

Miles Davis

Às vezes, fico ouvindo Miles Davis tocar uma música chamada “Enigma”. Um solo maravilhoso. Se eu conseguisse amarrar isso e trazer para o mundo das palavras, eu seria o escritor mais feliz do mundo. Mas o Miles Davis me deu o título do meu primeiro livro. *Um cão uivando para a lua* é o Miles Davis tocando uma música chamada “My Funny Valentine”. Eu ouvindo em São Paulo com uma amiga, em uma noite de breu sem luar, bem paulistana mesmo, nos anos 1970. Comecei a ouvir aquela música e de repente minha amiga disse: “parece um cão uivando para a lua”. E eu retruquei: “não, parece um boi berrando para o sol”. Ficamos nessa discussão a noite toda. Quando saiu o romance, veio essa imagem fortíssima, porque aquele solo sustenta uma nota no ar durante um tempo sem fim, com uma densidade impressionante. É um cão uivando para a lua mesmo.

Redator de publicidade

Trabalhei numa multinacional chamada Ogilvy & Mather, que tinha comprado uma grande agência brasileira chamada Standard. O Ogilvy, dono da agência, mandava para mim um material com aulas, treinamentos para redator. Realmente, ele foi um dos maiores redatores que já houve no mundo. Eu sou de uma geração que aprendeu muito com ele e com outro cara, chamado Willian Bernbach. O Ogilvy sabia de todas as regras, censuras e proibições. Mas ele também dizia que as regras existem para ser quebradas. O Bernbach dizia para os redatores dele: “leia seu texto em voz alta e morra de vergonha”. Isso já é uma aula. Lendo o texto em voz alta, você mesmo pode se corrigir, perceber onde há palavras demais, onde há uma palavra que bate como um tijolo no ouvido, algo mal empregado, uma pontuação capenga. Mas eu digo o seguinte: “leia seu texto em voz alta, morra de vergonha ou espere o aplauso”. Nem sempre o cara vai ler em voz alta e morrer de vergonha. Tem o risco de ser aplaudido.

O que o leitor busca na literatura?

É difícil determinar uma coisa só. Porque há buscas de leituras das mais variadas. Uma, muito óbvia para mim, é a questão da receita: a receita de viver, a receita da felicidade, etc. Isso é um nicho. Majoritário, até. O camarada entra na livraria e vê lá “como ser feliz em um mês”. Passa esse tempo, o cara não fica feliz, mas fica viciado naquele tipo de leitura – e continua comprando. Agora, por outro lado, há pessoas em busca de um conhecimento mais amplo, um entendimento maior deste tempo, que é um tempo confuso, complexo. Não há nada de mão única.

Leitura hoje

Há, hoje, uma mudança grande no Brasil. Eu vejo o interior, por exemplo. Eu vou ao interior da Bahia e hoje



tem escola, tem ginásio, tem ônibus da escola rural levando e trazendo os alunos, tem biblioteca pública. Já há uma consciência nacional da necessidade da leitura e da sua difusão, porque creio que uma parte considerável da sociedade está finalmente compreendendo os prejuízos que nós temos com esse déficit de leitura, tão imenso. Ao longo de nossa história, nos descuidamos muito da questão da educação. Se formos comparar com a Argentina, aqui do lado, a gente leva uma surra tremenda, porque a Argentina resolveu isso na passagem do século XVIII para o XIX, eles tinham uma burguesia esclarecida que se empenhou em erradicar o analfabetismo. Nós tivemos um atraso enorme nesse sentido. Que só começa a melhorar um pouco com a vinda do D. João VI, em 1808, que traz bibliotecas, escola de ensino superior, escola de astronomia, missão artística francesa para formar os arquitetos e engenheiros brasileiros. Mas isso em 1800. Para trás, parece que não ficou nada. Um tempo perdido, um vácuo imenso. Claro, nós estamos muito atra-

sados nessa busca de corrigir todo esse passado, mas a verdade é que eu percebo, e que acho que todo mundo percebe, é que há um esforço sendo feito, e há uma preocupação maior com essa questão da leitura. Nesse processo, os escritores, professores e agentes públicos da área cultural passam a ter um papel bastante significativo.

Academia Brasileira de Letras

Quando me telefonaram dizendo para eu fazer a carta de ingresso na Academia – que fiz só porque soube que o Ferreira Gullar não iria participar, porque caso ele se candidatasse, já estaria eleito –, fiz sustentado apenas pelo fato de ser a cadeira de Morycio Sciar, que foi um grande amigo, a ponto de frequentarmos um a casa do outro. Então achei que tinha tudo a ver eu me candidatar na vaga do Sciar. Só que quando cheguei lá e apresentei minha carta, exatamente cinco minutos depois de decretada aberta a vaga, eu senti o clima. A Academia já estava fechada com o Merval [Pereira, jornalista]

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

que foi eleito]. Eu estava entrando atrasado no processo. As candidaturas são pavimentadas antes, e o Merval já estava muito bem articulado naquele pedaço. Eu vi que, de cara, saiu um grupo me apoiando. Começamos então a fazer contas e percebemos que eu estava perdendo, mas por pouco. Era a segunda vez que eu me candidatava. O candidato que ganhou de mim na primeira vez, o Luiz Paulo Horta, ficou muito meu amigo. Quando entrei na segunda disputa, vi que também estava perdida, mas deixei rolar. Não é fácil perder, é muito chato. Mas, por outro lado, descobri uma coisa fantástica nesta segunda candidatura, algo do qual eu não tinha o menor conhecimento: que há uma afeição nacional pela minha pessoa e pelo meu trabalho. Fiquei comovido com isso. Escritor não tem muita noção do alcance de sua obra. Eu, por exemplo, procuro me manter na minha anônima condição de autor que não é da mídia, que não tem poder político, não tem poder econômico – e fazer disso a minha limonada. A essa altura já não tenho nenhuma ilusão de que vou ganhar o Prêmio Nobel, de que vou fazer e acontecer. O que eu quero é viver o bastante, para escrever bastante e tentar, quem sabe, me superar naquilo que eu já fiz. Um dia escrever um romance que me encante mesmo. Como diz o poeta: “que faça acordar os homens e adormecer as crianças”.

Machado de Assis

Pergunto-me como o Brasil do século XIX pode ter gerado um autor desses? Um camarada que mal tinha o curso primário, que era órfão, filho de ex-escravos, numa cidade que, apesar de ser a capital do país, tinha uma população analfabeta – o Brasil tinha 84% de analfabetos no tempo de Machado de Assis. O orgulho do Brás Cubas é nunca ter precisado ganhar um pão com o suor do seu rosto. Eu digo: “poxa, acusa-

ram Machado de Assis de ser um preto de alma branca, e isso aqui é uma porra da geral na história do Brasil. Isso aqui diz mais sobre nós, do que somos e do que fomos, do que muitos compêndios. Compêndios levam páginas e páginas para tentar provar isso. Aí, vou ler *Dom Casmurro*. Reler. Na primeira vez, você lê pelo enredo, pela história, você não sabe ler aquilo. Mas você vai ler bem mesmo depois de velho. Aí que você aprende a ler. Depois, pego a tradução fantástica do Rubens Figueiredo de *Anna Kariéninna*. Eu leio 800 páginas e digo “fantástico”. Tolstói pegou o século XIX inteiro e botou nesse romance. Anteviu nele até o evento do comunismo. Porém, tudo parte de um caso de adultério. Mas Machado fez melhor. Ele criou um enigma, sutil. Ele é mais artista. Claro que Tolstói é um grande romancista, como o século XIX inteiro é o século do apogeu do romance. Mas Machado era melhor. Era mais artista. Sutil. Fantástico.

Moacyr Scliar

Nós nos conhecemos na Alemanha, em 1985, em Frankfurt, a nossa tradutora era a mesma. Ele ficou na casa dela com o Antônio Callado; eu fiquei no hotel com Silvano Santiago. Era uma delegação de quatro escritores, de dia universidade, de noite biblioteca pública. No primeiro dia me botaram para falar com o Scliar na universidade de Frankfurt. Pronto, ficamos amigos para sempre. Viajamos juntos. Criamos uma relação fantástica. O Rogério Pereira, que eu conheci na Feira do Livro de Porto Alegre, em 2002, me foi apresentado pelo Scliar. Uma das últimas vezes que o vi foi na Fliporto, de Pernambuco, que ainda era em Porto de Galinhas. Colocaram eu e o Scliar para fazer a palestra de encerramento. Foi um negócio sensacional. Tinha um tema, tinha tudo, mas o Scliar falou: “vamos esquecer esse tema”, e começou a me entrevistar. Para vocês verem como a coisa funcionava.

“Miles Davis me deu o título do meu primeiro livro. *Um cão uivando para a lua* é o Miles Davis tocando uma música chamada ‘My Funny Valentine.’”

Livro digital

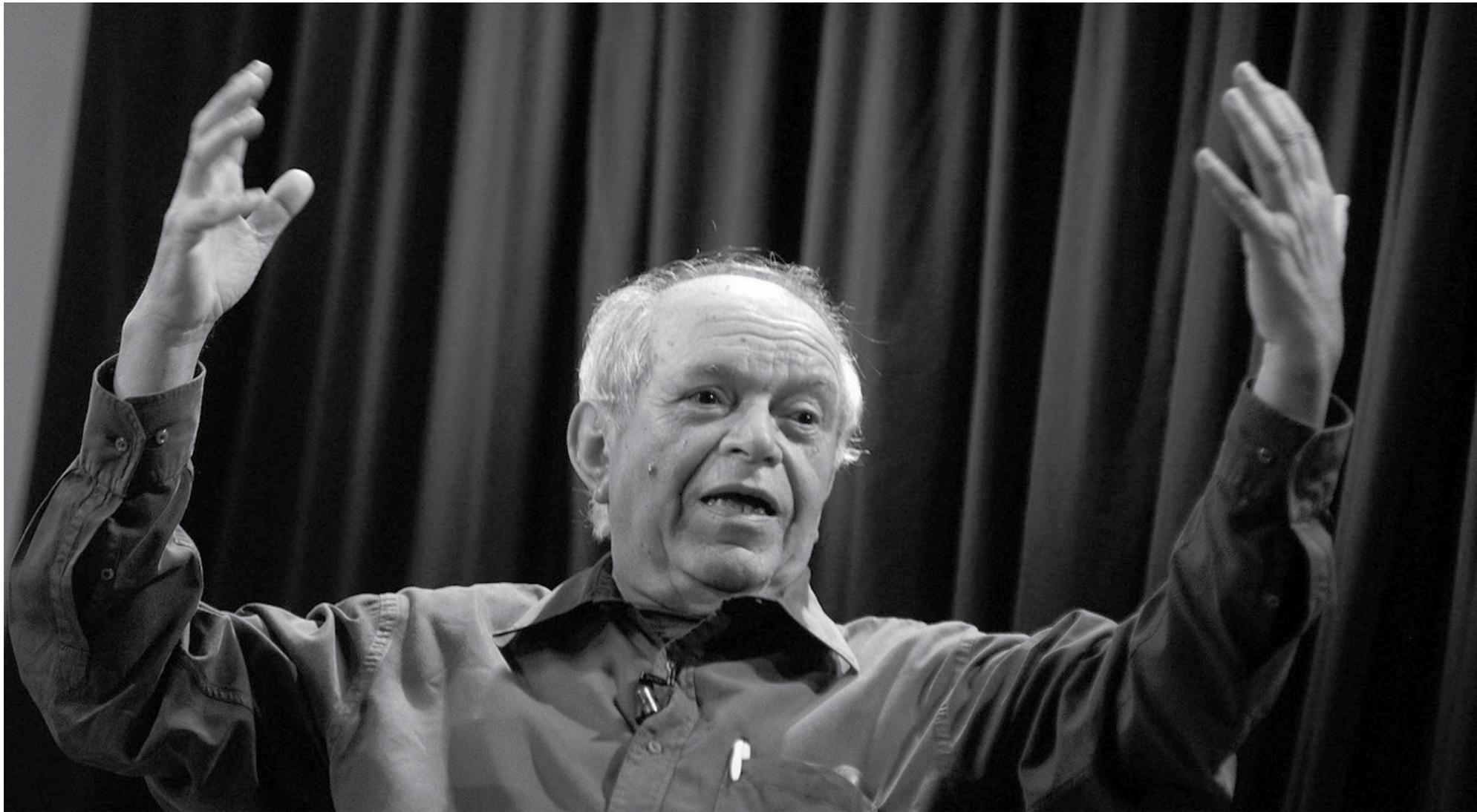
Acho que ninguém tem uma resposta. Por enquanto, o livro nunca esteve tão forte. Acredito até que as novas tecnologias estejam trazendo benefícios. Descobri recentemente uma livraria virtual que é uma grande maravilha, a Estante Virtual. Num país desse tamanho, com duas mil livrarias, é muito pouco. A Estante Virtual preenche um vazio nacional. Acabei de assinar um contrato com a Record. Antes, os contratos eram um para cada livro, um monte de páginas, e tal. Agora fizeram todos os títulos num só contrato, e está autorizado para tudo: impresso, e-book, etc. Me disseram que daqui a três meses todos estarão em formato e-book. Para nós, escritores, tudo está sendo muito bom. Estão sendo criadas outras vias, outros acessos à leitura. Pelo menos durante um bom par de anos, não acho que isso seja excludente. Acho que as duas formas vão marchar juntas. Há livros que só vão funcionar em papel, há livros que perfeitamente podem funcionar no virtual, a questão é muito ampla. É uma questão curiosa: acabo de ser contratado para ser curador de uma biblioteca virtual, chamada Nuvem dos Livros. Ou seja, um velho autor de livros impressos cuidando disso. Estou achando um barato porque de repente são novas informações. Para o cérebro isso é bom, quem sabe isso me ajude a driblar o alemão [Alzheimer], do qual nós todos passamos a ter um medo terrível depois de certa idade.

Rotina de escritor

Eu morava em Copacabana, com todos os barulhos do mundo, de frente para um prédio enorme, e conseguia escrever. Aí me mudei para a Serra. Minha janela dá para árvores, passarinhos cantando de manhã. Fiquei mais de um ano sem conseguir escrever uma linha ali. Consegui as condições ideais para um escritor: silêncio, exílio e astúcia, na receita do James Joyce. Tive o silêncio e o exílio, mas faltou a astúcia, e isso você não compra. Tem que estar dentro de você. Aí, percebi o seguinte: naquele meu escritório de Copacabana tinha uma porta, uma parede falsa, e eu olhava para dentro de casa. Nesse escritório da Serra, eu olho para fora. Então, eu tinha que trazer esse olhar de fora para dentro de mim. Isso me criou uma complicação. Às vezes, tenho períodos em que escrevo todos os dias. Mas agora interrompi um romance. E não vou correr para entregá-lo e cumprir prazos. Não tenho mais a ansiedade do livro na prateleira. É duro, porque se corre o risco de passar muito tempo sem escrever e desaparecer. Como muitos amigos meus desapareceram, grandes escritores da minha geração. Eu já enfrentei empregos diários, de começar cedo, terminar tarde, tempos de boemia, muito cigarro, muita birita, muita pancadaria. Mas sempre consegui escrever. Até como forra. Hoje já não tenho esse pique. Recentemente eu escrevia um parágrafo, achava que estava legal e não escrevia mais nada para não estragar. Vocês sabem que baiano tem fama de preguiçoso.

Insight

Uma noite eu tive um sonho – isso já havia me acontecido, ter um sonho e escrever um romance, que foi *Um táxi para Viena d’Áustria*. Este livro nasceu de um sonho. Aí, agora tive outro sonho. Meu inconsciente me tirou da letargia, me tirou do zero, trabalhou por mim enquanto eu dormia.



Mas não é tão fácil assim. Depois de 11 romances publicados e um livro de contos, fica mais difícil. Escrever, com o passar do tempo, fica mais difícil. Deveria ser mais fácil, mas não é. Até você vencer a autocensura, o medo de escrever – e escrever besteira –, isso leva tempo. O que é um grande barato também, porque se fosse fácil, não tinha graça. O [Ignácio Brandão] Loyola outro dia me escreveu: “poxa, será que eu ainda tenho o que dizer?” Eu disse: “Ih, Loyola, não me pergunta isso, não. Eu tô me fazendo a mesma pergunta”.

Acesso ao livro

Claro que o ideal seria se o livro fosse barato e pudesse chegar a todo mundo. Iríamos acabar ganhando mais.

Eu vejo quando o governo faz uma compra grande de livros, em pacotões, e o livro que custa trinta reais passa a custar dois reais. E assim mesmo, rende um bom direito autoral, por causa do volume. Mesmo sobre dois reais, ainda é lucrativo. Eu não sei como se resolve isso. A dimensão do país também complica, porque a distribuição também é cara. Mandar livro do Paraná para o Rio de Janeiro é uma coisa complicada. Aí, tem que devolver, tem todo um processo, os intermediários também. Por exemplo, a Record criou uma alternativa para o livro caro, que foi a BestBolso. Eu estou lá, com *Essa terra*. Muitas livrarias se recusam a vender esses livros porque são baratos. É pouco lucrativo. Quer dizer, a editora tem que tirar uma

edição normal também. Todas as editoras estão fazendo isso, buscando alternativas de mercado. Mas acho que nós, escritores, não temos competência para isso. Pode ser que um ou outro tenha talento de economista, de administrador, mas acho que a maioria de nós não tem. Não conseguiríamos gerir toda essa máquina. Mal sabemos resolver nossos próprios textos.

Edições baratas

Sempre pensei o seguinte: por que no Brasil não se faz livro com papel jornal, capa menos sofisticada, etc.? Já me explicaram que não funciona. Já foi feito e não deu certo. Porque no fundo, também, a gente vive nessa grande vitrine capitalista, onde o que

funciona é aquilo que é atrativo, aquilo que é caro, assim como o automóvel, o tênis, tudo é caro, e é feito para uma determinada classe. ■

Próximos convidados do projeto
Um Escritor na Biblioteca:

- REINALDO MORAES 4/10
- SÉRGIO SANT'ANNA 18/10
- TONY BELLOTTO 29/11
- MILTON HATOUM 6/12

Sempre às 19 horas. Entrada franca.

Lembranças de Helena Kolody

Roberto Gomes, que editou diversos livros da poeta paranaense Helena Kolody, relembra como conheceu e iniciou sua parceria com a escritora, que agora em outubro completaria 99 anos

Sombra no muro

Persigo um pássaro
e alcanço, apenas,
no muro,
a sombra de um voo.



ROBERTO GOMES

Conheci Helena Kolody no dia 22 de agosto de 1965. Sei disso com essa exatidão numérica pela data do autógrafo que minha prima Sônia Régis colocou no livro que estava lançando.

Poderia ser um dado inútil, mas acho que não é. Helena foi uma das primeiras a chegar ao lançamento e logo tomou conta da conversa, querendo saber disso e daquilo, rindo, contando mais um de seus causos curitibanos, e agindo com relação à Sônia como uma mãe protetora. Tempos depois fui descobrir que ela agia assim com vários poetas e jovens escritores. Adorava esse papel, que via como uma extensão de sua vida de poeta e professora. Ela mesma me contaria desses cuidados com amigos e amigas, sobretudo os jovens, que considerava como filhos. Os filhos que não teve. Ou: os inúmeros filhos que conquistou vida afora.

Não sei exatamente o que senti, mas aquela senhora de 53 anos me pareceu simpática e divertida. Seria uma poeta de verdade ou mais uma dessas criaturas que sonham ser o que não são? – me perguntei, não podendo evitar o olhar oblíquo que desenvolvemos ao viver em meio a escritores, poetas e livros.

Alguns anos depois eu já não teria dúvidas. Era uma poeta que não poderia ser ignorada. Li seus poemas nos anos seguintes, em livros de edições modestas que encontrei nos sebos. Ela me contaria depois que todos os seus livros haviam sido editados por ela mesma através de um método que cultivava com muito cuidado.

Separava uns trocados de seu salário de professora, colocava em envelopes e, quando os poemas estavam pedindo publicação, comprava o papel para a impressão e o levava à gráfica da Escola Técnica, dirigida por um velho amigo seu, cujo nome infelizmente não lembro. Ele fazia o orçamento, ela pechinchava

um desconto. E o livro era feito.

Fora assim com todos os seus livros até então. Desde o primeiro, que publicou em 1941, *Paisagem interior*. Depois vieram *Música submersa*, de 1943, *A sombra do rio*, de 1951, e a *Trilogia*, de 1959. Em 1966 – e nessa data os críticos poderão descobrir uma virada em seus poemas – ela edita *Era espacial* e *Trilha sonora*, onde se defronta com as tecnologias da época. Com a mesma regularidade e com o mesmo método de edição, saem *Tempo* (1970), *Correnteza* (1977) e *Infinito presente* (1980).

Todas essas edições ela espalhou sobre a mesa de jantar de sua casa, onde conversamos numa tarde curitibana cheia de luz e sol. Ela estranhou dia tão luminoso – “não é normal em Curitiba”, disse-me – e ficamos folheando os livros um a um, sendo que em certos momentos ela declamava algum poema, não raro acrescentando que outros mereciam ser cortados. “A gente escreve demais quando é jovem – e acrescentou, tendo sido professora de biologia: hormônios.”

Editando Kolody

Minha visita era motivada pelo meu interesse em editar um livro de Helena. Estávamos em 1984, a Criar Edições iniciava e ia bem para a época, que era favorável. Mandeí o convite através do poeta e amigo comum Hamilton Faria por duas razões: ele era amigo dela e eu era um tímido mórbido. Ela marcou o dia e a hora e lá estava eu diante das antigas edições enquanto Helena lia mais um de seus poemas repetindo que alguns deles não gostaria de ver numa reedição.

Ela cultivava uma autocrítica muito severa. Quando perguntei onde estavam os novos poemas que poderíamos publicar, ela fez de conta que se assustou, escandalizada, e declarou que já não escrevia mais nada e me serviu um cálice de licor. Ouvi mais alguns poemas, trocamos algumas fofocas enquan-

“ Há quarenta anos ela escrevia e ninguém havia se interessado em editar seus livros.

to bebíamos, e voltei à pergunta: e os novos poemas?

Ela foi a uma gaveta e de lá retirou um caderninho pequeno, desses que eram usados para anotações em armazéns que vendiam fiado. Antes de entregá-lo a mim, tentou me convencer de que não valeria a pena perder tempo com aquilo. Mesmo assim, me passou o caderninho.

Na primeira página, se não me engano, estava escrita a palavra “poesias” numa caligrafia miúda e justa, que denunciava as mãos e os cuidados de professora. Nas páginas seguintes, os poemas. Dali saiu o livro *Sempre palavra*, que a Criar Edições publicou em 1985.

Quando afinal chegamos a decidir pela publicação dos poemas que dormitavam há anos no caderninho de anotações, o Hamilton Faria veio me contar que Helena o procurara aflita, querendo saber quanto iria lhe custar a edição do livro. Hamilton explicou que ela não gastaria coisa alguma, a editora arcaria com todas as despesas e, sobre as vendas, ela receberia 10% de direitos autorais. Ela não acreditou. Não gastaria nada e ainda receberia sobre as vendas? Hamilton confirmou. Ela ficou maravilhada. Dias depois me telefonou e, como quem não quer nada, me perguntou pelos custos do livro. Repeti o que Hamilton havia lhe dito. Ela não acreditava. Seguiu maravilhada.

Estávamos na metade da década de 1980 e Helena escrevia desde a década de 1940. Fiquei pensando nisso. Há quarenta anos ela escrevia e ninguém havia se interessado em editar seus livros. Pior ainda. Senti no ar alguma resistência de conhecidos ligados à literatura, tanto escritores, professores, como

críticos literários. Para uns, Helena era apenas uma velhinha sonhadora e piegas. Uma dessas senhoras que fazem parte de academias de letras. A Criar iria perder dinheiro, advertiam. Por que não editar poetas mais jovens, gente de vanguarda, quem sabe um novo contista? Para dizer a verdade, lembro que, além de Hamilton Faria, só se entusiasmaram com a publicação anunciada o Paulo Leminski e a Alice Ruiz.

Paulo e Alice gostavam muito de Helena, sentimento que era recíproco. Ela me dizia, com ares de escândalo, “mas alguém precisa dar um jeito nesse Paulo, que descabeçado, que pena, com aquele talento!” Preocupações de mãe, é claro. Paulo foi o primeiro a escrever sobre a publicação de *Sempre palavra*. Um belo texto.

Eu continuava espantado com os quarenta anos em que ela mesma publicara seus livros em tiragens de cem ou duzentos exemplares, conforme lhe permitiam suas economias. Então, quando soltei o primeiro *release* a respeito do livro – conhecendo Curitiba ao vivo e em cores – lasquei a frase que a meu ver justificava a publicação, entre outros motivos: “Curitiba precisa amar alguém”.

Acho que acertei em cheio.

Poesia mínima foi o próximo lançamento, em 1986, e, em 1988, preparamos a edição trabalhosa do conjunto da obra de Helena no volume *Viagem no espelho*.

Foi, para o editor empolgado que eu era, uma verdadeira festa. De início, Helena não queria incluir livros antigos, que considerava superados – desejava eliminar todos. Depois aceitou que fosse feita uma escolha dos poemas que deveriam sobreviver. E me perguntava, com a ingenuidade de sempre: “Posso modificar?”

Acertamos o método que facilitaria o trabalho que tínhamos pela frente. Explico aos que só conhecem a edição em computador que a montagem era feita poema a poema, em tiras impressas em papel por uma máquina cha-

mada IBMComposer. Tais tiras eram recortadas e coladas em pranchas – em alguns casos, para obedecer à disposição gráfica exigida pelo autor, verso a verso. Eu montava o livro aos poucos e levava o resultado a Helena. Ela fazia as mudanças, os cortes, as correções. Muitos versos e poemas foram condenados sem piedade e outros tantos foram burilados até chegar àquilo que Helena desejava. Achada a forma final, ela fazia a anotação na margem, em elegante letra de professora de magistério.

O livro foi editado assim. Da prancheta até Helena, de Helena para a prancheta. Ela retirou tudo que lhe parecia excessivo, eliminou poemas, cortou outros para um terço do tamanho, suprimiu palavras, desentortou versos. Isso demorou uns três meses e foi uma das experiências mais gratificantes que vivi nessa tarefa de editar.

“É preciso cuidado”, dizia ela, me devolvendo as correções. “Se a gente não se cuida, acaba escrevendo ‘batatinha quando nasce...’”

Essa preocupação com a concisão, com a palavra justa, que naquele momento eu pude constatar na poeta, era coisa antiga. Já em seu primeiro livro, de 1941, *Paisagem interior*, constavam três haicais. É bom assinalar que raríssimos poetas brasileiros, naquele momento, escreviam haicais. Helena sabia disso e dizia que tal “ousadia” lhe custara muitas restrições e críticas na província curitibana. Diziam os críticos: eram poemas tão curtos, três versos! E por que versos tão secos? A poeta recebeu cartas de gente que na época fazia crítica literária pedindo que abandonas-

Seus poemas foram, com o tempo, se encaminhando para sínteses cada vez mais exatas e fulminantes.

“ Diziam os críticos: eram poemas tão curtos, três versos! E por que versos tão secos?”

se aquele mau passo. Voltasse aos poemas longos e derramados.

Ela não cedeu. Seus poemas foram, com o tempo, se encaminhando para sínteses cada vez mais exatas e fulminantes. Voltou-se aos poucos, mas com firmeza, para uma crescente economia de recursos. Era o que buscava, como diria naquele poema no qual “o carbono acorda diamante”.

Os críticos de 1941 não entenderam o que estava para nascer. Ainda bem que ela não deu ouvidos a eles.

Origens

Havia uma grande força naquela mulher de belo rosto e de belíssimos olhos azuis. Ela nascera em Cruz Machado, no Sul do Paraná, no dia 12 de outubro de 1912. Filha primogênita de um casal de imigrantes ucranianos – Miguel e Vitória, cujos retratos severos ficavam nos observando de cima de uma cristaleira enquanto conversávamos ou revíamos as provas dos livros –, passou a infância em outra pequena cidade, Três Barras, em Santa Catarina. Percorreu com a família uma trajetória comum a muitos imigrantes e chegou à capital do Paraná em 1927. Em 1928, publicou o primeiro poema numa revista chamada *O garoto*. O poema chamava-se *Alágrima*. A precocidade do fazer poético era acompanhada e estimulada pelas leituras que sua mãe lhe fazia do poeta ucraniano Tarás Chautchenko e pela descoberta da leitura como um universo no qual mergulhava fascinada.

Em 1932 iniciou brilhante carreira no magistério. Formou gerações de professoras que exigiam, mesmo antes de aulas de biologia, que ela recitas-

se um poema. Não deve ser considerado accidental o fato de ter sido professora por mais de trinta e cinco anos. Traz desta experiência uma atitude de pedagoga, ou seja, de alguém visceralmente interessada no outro e em sua trajetória existencial, o que confere à sua poética um caráter de busca de sabedoria. Ademais, a paixão pelo ensino da biologia, além de render belas imagens em sua obra, conferiu a esta poeta, aparentemente mergulhada numa visão mística e etérea do mundo e da vida, um senso refinado de observação, uma abordagem quase microscópica da aventura humana. Além, quem sabe, de ter contribuído para a emergência de um senso de humor refinadíssimo e nem sempre ressaltado pelos seus estudiosos.

Entre 1932 e 1967, atua como professora e inspetora de ensino. Ao longo desse período, publica os nove títulos acima citados.

Nessa época, Helena Kolody já era lida e admirada por um círculo razoável de leitores, que cultuavam a poeta e a figura humana em que ela se tornara, misto de mãe e amiga, de poeta e professora. Conheci dois poetas que davam a todos a impressão de viver num estado permanente de poesia. Um deles foi Helena Kolody. Outro foi Mário Quintana. Davam a impressão de viver em outra dimensão, apenas se permitindo pequenos passeios pelo mundo onde nos encontramos.

No entanto, esse círculo de leitores era restrito à cidade de Curitiba. Após a publicação pela Criar Edições, vimos esse grupo aumentar – embora continue modesto, é claro. Além de Paulo Leminski e Alice Ruiz, que escreveram sobre Helena, vários críticos dedicaram atenção a sua obra após a edição de *Viagem no espelho*. E Helena contou, nos últimos anos de vida, com a amizade – que para ela era tudo – de jovens poetas que a entronizaram como uma espécie de símbolo. Multiplicaram-se cartazes e camisetas com sua imagem, com tre-

chos de seus poemas. Por isso ela preservou o hábito antigo: presenteava a todos com seus livros. Ninguém saía de lá sem um livro e um autógrafo, mesmo filhas de estudantes secundários tangidos por alguma professora. Essa a razão pela qual muitas vezes preferiu receber seus direitos autorais em livros. Queria presentear.

O pequeno apartamento na Voluntários da Pátria era um centro de encontros e de peregrinação. Hélio Leites, por exemplo, levava seu mini teatro para espetáculos na sala do apartamento. Normalistas e jovens senhoras pediam conselhos para seus casos de amor. Poetas recebiam conselhos e tinham seus originais lidos, relidos e anotados com a tal letra de professora. Helena servia licor ou refrigerante para todos, lia seus poemas com a voz já trêmula, divertia-se contando causos. Assim como certos judeus são os melhores contadores de anedotas sobre judeus, ela era a melhor contadora de causos sobre curitibanos. Se esses encontros tivessem sido gravados, muitas reputações provincianas seriam abaladas. Mas ela sabia a quem contar e quando contar tais causos. Evitava ferir pessoas, era sempre educada e gentil. Do signo de libra, notariam os astrólogos, conciliadora e diplomata.

Naquela madrugada de 2004, dia 15 de fevereiro, sonhei que entrava num auditório imenso. Não entendi o que se passava ali, até que vi Helena. Era uma homenagem a ela, que estava numa cadeira de rodas, à esquerda de um palco, o corpo coberto por um tecido azul claro. Quando lhe perguntei como se sentia, ela repetiu o que me dizia nos últimos tempos:

“Não estou doente, Roberto. Estou com 90 anos.”

Acordei preocupado. O primeiro telefonema do dia confirmou: Helena havia falecido. ■

 **Roberto Gomes** é escritor, autor, entre outras obras, do romance *O conhecimento de Anatol Kraft*, recentemente lançado pelas editoras Insight e Criar. Também é colunista do jornal *Gazeta do Povo*. Vive em Curitiba (PR).



SANTA MARINA DA BOA MORTE

Camila Schiffli

Camila Schiffli participou da oficina de Criação Literária da BPP – Romance, com o escritor Luiz Ruffato, que escolheu o texto publicado nesta edição do **Cândido**. *Santa Marina da Boa Morte* é o nome do romance homônimo que Camila está escrevendo. O trecho a seguir pertence ao primeiro capítulo do livro.

Enfiei a cabeça pela porta do puxadinho para checar se minha avó, Albina, precisava de ajuda na lavanderia. Sem se dar conta da minha presença, ela retirava apressada alguns *jeans* dobrados de cima da máquina de lavar que sacolejava, em funcionamento. A pobre máquina, coitada, é mais velha do que eu. Funciona bem que é uma beleza, mas, quando imagino todas as ombreiras, calças de cós alto e mangas princesa que ela lavou nos anos 1980, não posso deixar de ter pena.

Terminado o trabalho da velha combatente, vovó abriu a tampa, espiou o resultado, não se deu por satisfeita e fez a máquina recomençar. Minha ajuda seria inútil.

É uma senhora das mais inseguras, a minha avó. Fico alvoroçada com o número de vezes que ela precisa checar se pode, se cabe, se está benfeito, se não vai incomodar, se todos concordam, se ninguém tem outra ideia, se vale mesmo à pena. Ela diz que é uma questão

de educação e precaução, mas para mim é mesmo pura esquisitice.

Fui criada por Vó Bina desde sempre. Pai eu nunca tive e minha mãe morreu quando nasci. Nos tempos de infância, sempre que eu contava para alguém esse fato, recebia olhares de pena e palavras de condolência. Não via razão nenhuma para isso, se alguém tinha de receber um abraço, era a minha avó, que perdera uma filha querida, não eu, que não perdera ninguém conhecido. Nem a minha irmã, Clara, dois anos mais velha do que eu, tinha razão para fazer chororô, mas ela jurava que se lembrava da nossa mãe e que sentia saudades. Vai saber.

Por ser “desaforada” e “inopertuna”, eu tomava uns tabefes costumeiros da Dona Bina. Sempre fui meio intempestiva. Quando alguém adulto, com a intenção de me censurar, dizia: “sua mãe não te deu educação, mocinha?”, eu olhava com a maior cara de deboche e dizia “não” – o que não era mentira.

Não me entenda mal. É claro que gostaria de conhecê-la. Guardo na memória com carinho os detalhes da personalidade e da fisionomia dela que eu ouvi em histórias ou vi em fotografias. Tenho o mesmo sentimento em relação ao meu avô Antônio, que também não conheci. E quando quero saber de algo que ainda não sei sobre os dois, investigo.

Tive uma educação das boas nas mãos da Vó Bina. No entanto, pouco herdei de sua personalidade rigorosa e preocupada. De regrado, só tenho a sonoridade do meu nome. Fui batizada como Marina Albina Albernaz. Final com final, começo com começo. Tudo combinando. Um horror. Embora a autora dessa primorosa obra poética que é

o meu nome jure que foi tudo absolutamente sem querer.

Depois de deixar o puxadinho e perceber que nada havia em casa que precisasse ser feito por mim, sentei no degrau que dá para o jardim e deixei minha mente entrar naquele limbo da imaginação, que só o tédio propicia.

Não sei se é pela minha intempestividade, pela minha falta de escrúpulos ou se pela presença remota da morte na minha vida, mas, quase todas as vezes em que entro nesse limbo imaginativo, conjuro a mesma imagem: a morte. Nunca ninguém amado por mim morreu. Minha mãe e meu avô se foram e só depois descobri que poderia e deveria amá-los.

Talvez para tentar imitar o sentimento de perda ou, melhor ainda, para brincar de resolver os impasses práticos do fim da vida de alguém, mato, na imaginação, quase todo mundo que eu conheço, das mais variadas formas possíveis. Às vezes apenas inflijo uma doença horrível, sem morte no final. Mas só às vezes, porque prefiro o desfecho de sempre.

O meu próprio desfecho também tem vez. Morro jovem, morro velha, morro numa infância já ida – pela qual, é mais do que evidente, passei intacta, vivinha da silva. Morro e distribuo bens. Minhas joias ficam para um, os livros e discos para outro – já as roupas, acho que é melhor doar tudo, a não ser que alguém reclame alguma peça.

Depois tem o drama do decurso: se a morte é lenta, o drama é grande. Se é veloz, o drama é ainda pior, porque daí não dá nem tempo de planejar o destino dos bens. Na vida real, ou melhor, na morte real, acho que prefiro o segundo

modo, mas para a imaginação e para a literatura cabe mais o primeiro. Porque dá mais argumento para a trama e isso aqui é um romance e não um conto.

Sendo lento, o processo varia: às vezes recebo meus familiares, amigos e antigos amores para visitas de despedida, cheias de metáforas e verdades nunca ditas. Antigos amores: tá aí gente que eu acho que só apareceria para me ver se tivesse certeza de que seria a última vez.

Às vezes imagino longas cartas de adeus. Uma rancorosa ao meu primeiro amor, outra verborrágica àquela professora arrogante que disse que eu deveria cuidar para não falar mais do que o necessário. Gosto de ficar escrevendo as cartas na minha cabeça. Passo horas nisso. É um jogo sujo que não dá brecha para intervenções e diálogos já que, geralmente, na minha imaginação, elas só são lidas depois que eu já parti dessa para uma melhor e, mesmo que alguém queira contestar aquilo que escrevi, pouca coisa poderá ser feita a respeito.

A verdade é que dá pra morrer de tudo quanto é jeito e, na vida real, ou melhor, na morte real, a gente não escolhe qual é o jeito que vai ser. Vai ver é por isso que eu imagino. Com sorte eu bato as botas de uma forma para a qual já me preparei! Bobagem. Imagino mesmo é porque não dá pra proibir o pensamento de vir. E nisso é que se assemelham essas duas, a morte e a imaginação. Ninguém as controla nem sabe ao certo por que é que elas vêm. Mas que as safadas vêm, vêm, e delas não há quem possa se esconder. ■

 **Camila Schiffli** tem 21 anos, é estudante de História e fã de Joni Mitchell e de estampas florais. Essa é sua primeira publicação. Vive em Curitiba (PR).

CRÔNICA





A MÁQUINA DO TEMPO

Heloisa Seixas

Ilustração: Rita Solieri

Na última Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, havia um espaço de debates da Fundação Nacional do Livro Escolar, cujo auditório era em forma de máquina de escrever. O fundo da sala era formado por um painel com uma fotografia enorme de uma daquelas máquinas antigas e, diante da reprodução, os degraus da pequena arquibancada onde as pessoas se sentavam para ouvir as palestras formavam as teclas: eram degraus forrados de preto, com almofadas redondas, também pretas, tendo, cada uma delas, uma letra do alfabeto. Ou seja, para quem se colocava no palco, de frente para o auditório, a impressão era estar diante de uma gigantesca máquina de escrever.

Ao olhar para aquele cenário, lembrei da emoção sentida por mim quando, com oito ou nove anos, me sentei pela primeira vez diante de uma máquina assim. Era uma máquina de escrever das bem antigas, que pertencia ao meu avô, uma Royal, toda negra, com suas teclas redondas debruadas de metal prateado, a caixa principal tendo, com seus frisos e cantos redondos, um toque meio *art déco*. Na época eu não sabia nada disso, nem conhecia o significado de todos os seus detalhes, mas soube, sim – de imediato – que aquela máquina tinha um poder próximo do sobrenatural.

Lembro de ter pousado os dez dedos, todos de uma vez, sobre as teclas e fechado os olhos, invadida por uma sensação de reconhecimento, de reencontro, diferente de tudo que já sentira antes. Era como se a máquina, que sempre fora proibida às crianças, esti-

vesse todo o tempo à minha espera – e me acolhesse.

Ao me sentar diante daquela Royal preta e pousar as mãos sobre as teclas, *ela* – a máquina – me reconheceu. Recebeu a ponta dos meus dedos e se deixou manusear, respondendo, a cada toque, com um movimento de seus pequenos braços de ferro, imprimindo, no papel que eu colocara no rolo, os sinais gráficos que eu escolhia. Maleável, cordata, companheira. Como se me convidasse para, no futuro, acionar seu mecanismo sempre que quisesse.

A sensação de reconhecimento que senti naquele dia ficou impressa em mim com tal força que, anos depois, passei a tentar interpretá-la. Uma das explicações que me vieram foi a de que eu sentira aquilo por ser uma pianista frustrada (quando era pequena, sempre quis aprender piano, mas, por uma razão ou por outra, nunca aprendi). A sensação tátil dos dedos pousados sobre as teclas teria talvez despertado em mim a emoção, um lamento da não-pianista. Mas explicações como essa nunca me satisfizeram de todo. Porque o que eu tinha sentido diante da máquina do meu avô fora algo muito forte, quase uma epifania.

Até que um dia eu entendi.

Um dia, quase trinta anos depois – eu me descobri escritora. Não foi gradual, aconteceu de repente, de uma hora para outra. Comecei a escrever ficção de forma compulsiva, movida por uma força maior do que eu, que me impediria de parar, mesmo que quisesse. E foi só então, ao me deixar levar por aquelas

palavras que me dominavam, só então, em meio a sentimentos contraditórios, de prazer e dor – que entendi tudo.

O encontro daquela manhã em que me vi diante da máquina do meu avô fora o prenúncio do que viria. Eu não sabia, não podia supor, mas daquele momento em diante minha vida começava a se transformar. O longo caminho, até que eu escrevesse meus primeiros textos, começava ali. Como exclamou o barbeiro sanguinário de Fleet Street, no musical *Sweeney Todd*, de Stephen Sondheim, ao tocar aquelas teclas meus braços estavam, finalmente, completos.

Mesmo quando, um dia, a máquina também se transformou, quando suas teclas mudaram de formato e cor, quando o papel à minha frente se dissolveu em tela de cristal – eu não me importei. A sensação de intimidade permaneceu. E hoje, quando olho para uma dessas máquinas antigas, eu me sinto transportada àquele momento no passado, o começo de tudo, como se a pequena caixa preta, com seu rolo e alavancas, fosse uma invenção saída de um conto de H. G. Wells, capaz de me conduzir a outra dimensão. ■



Heloisa Seixas é escritora, tradutora e jornalista. Entre seus livros estão *Contos mínimos* (Record, 2001), *Através do vidro* (Record, 2001) e *Terramarear* (Companhia das Letras, 2011), este último escrito com Ruy Castro. Também organizou várias antologias, entre elas *Obras-primas que poucos leram* (Record) e *Depois – sete histórias de horror e terror* (Record, 1998). Participou de algumas antologias, como *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Record, 2005) e *Boa Companhia: Contos* (Companhia das Letras, 2003). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Os clássicos nunca saíram de moda. Dada a importância que têm, estão sempre vendendo. Mas, nos últimos anos, várias editoras têm investido em uma vertente menos celebrada desses livros, focando em dois pontos específicos: a edição de obras menos conhecidas ou esquecidas de autores consagrados e a publicação de escritores bem-sucedidos em seus países de origem, mas ainda desconhecidos por aqui.

A editora Estação Liberdade tem se notabilizado nessa seara. Nascida no bairro oriental de São Paulo, em 1989, a Liberdade estabeleceu, primeiramente, uma linha de frente de veiculação das letras nipônicas no Brasil, com a publicação de clássicos japoneses como Yasunari Kawabata, Prêmio Nobel de 1968, Eiji Yoshikawa, autor do popular *Musashi*, além de autores contemporâneos como Haruki Murakami, que virou febre em todo o ocidente. Com o tempo, no entanto, a Estação Liberdade passou a editar, sempre em traduções diretas da língua de origem, autores das mais diversas literaturas europeias, muitos deles inéditos.

“Tento sempre abordar as obras de um autor de forma estruturada, não pegando simplesmente seu maior sucesso. Eu devia ao público brasileiro o *Diário dos moedeiros falsos*, de André Gide, obra da obra, um autor narrando sua labuta, e chegando ao cerne das questões de construção do livro, enfim, do ato de escrever em si. Além de André Gide, estamos trabalhando a obra de autores como Kawabata, Heinrich Böll, Soseki, Yasushi Inoue e outros mais atuais, em seu conjunto. Isso não se faz rápido, são anos de empenho”, diz Angel Bojadsen, diretor editorial da Estação Liberdade.

Descobrir “clássicos regionais”, ou seja, grandes escritores que não ultrapassaram as fronteiras de seus países, é a outra ponta de atuação da Estação Liberdade. “Às vezes é comercialmente difícil,

O lado B dos clássicos

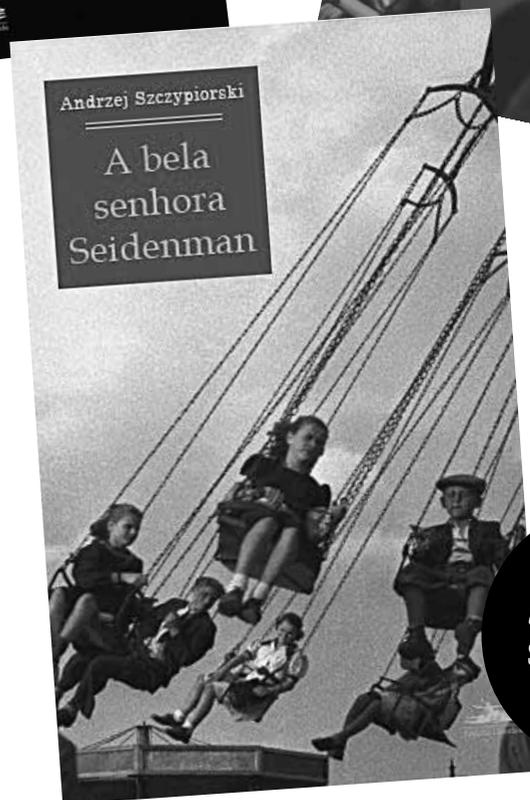
Mesmo com um número cada vez maior de editoras se dedicando à publicação de clássicos, ainda há textos de grandes escritores desconhecidos do leitor brasileiro



Diário de um velho louco – Jun'ichiro Tanizaki (Estação Liberdade, 2007)



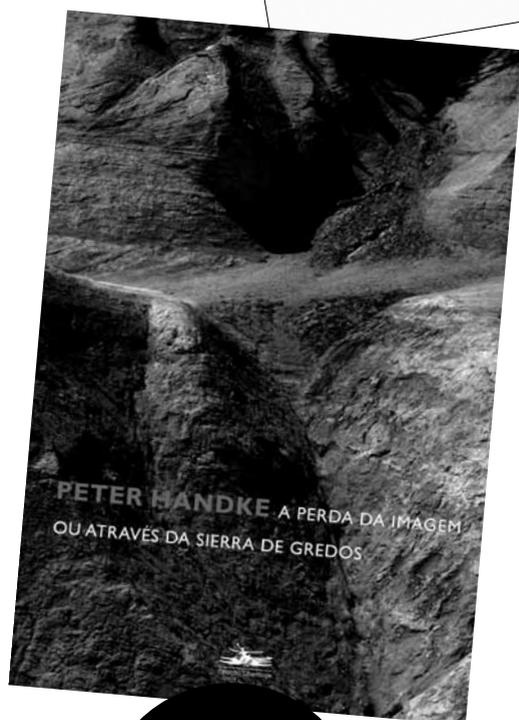
Os moedeiros falsos – André Gide (Estação Liberdade, 2009)



A bela senhora Seidenman – Andrzej Szczypiorski (Estação Liberdade, 2007)



O duplo
Fiódor Dostoiévski
(Editora 34, 2011)



*A perda da imagem
ou através da sierra
de gredos* – Peter
Handke (Estação
Liberdade, 2008)

mas é saindo do *mainstream* que você se descobre. Fiquei muito feliz que conseguimos vender razoavelmente bem um polônês que eu descobri durante estadas na Polônia. Conheci Andrzej Szczygiński sob a lei marcial nos anos 1980. *A bela senhora Seidenman* é uma linda leitura de um episódio histórico muito triste, o gueto de Varsóvia, e otimamente traduzida por Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília”, diz Bojadsen.

A editora curitibana Arte & Letra faz do “ineditismo e do esquecimento” de grandes textos e autores da literatura mundial um dos seus critérios de publicação. Um exemplo é *A viagem preguiçosa de dois aprendizes vadios*, livro que Charles Dickens escreveu com o escritor Wilkie Collins depois de uma viagem de férias que os dois fizeram juntos em 1857. Inédito no Brasil, o texto também introduz a literatura de Wilkie Collins, “um dos mais populares

romancistas e dramaturgos de sua época e que é desconhecido da maioria dos leitores brasileiros”, conforme diz Thiago Tizzot, editor da Arte & Letra.

Prosa do Mundo

Há dez anos, a Cosac Naify iniciou a coleção “Prosa do Mundo”. O primeiro título, *Niels Lybne*, colocou pela primeira vez à disposição do leitor brasileiro um texto do maior romancista dinamarquês do século XIX, Jens Peter Jacobsen (1847-1885), autor que influenciou escritores como Rainer Maria Rilke e Thomas Mann.

“A coleção procura fazer um recorte, idiossincrático como qualquer recorte, de obras importantes da literatura mundial que, na ótica da editora e dos seus consultores, mereciam edições caprichadas. Assim, há espaço nela para obras totalmente incontornáveis da literatura mundial clássica e moderna, como *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, e o *Vermelho e o negro*, de Stendhal, mas também para obras menos conhecidas, como o romance *Companheiro de viagem*, de Gyula Krúdy”, explica o editor Cassiano Elek Machado, da Cosac Naify.

Perfil parecido tem a coleção “Leste”, da Editora 34, que foi concebida com o intuito de apresentar ao leitor brasileiro a literatura da Europa centro-oriental, ainda pouquíssimo conhecida entre nós. Há uma mescla entre autores completamente desconhecidos do público brasileiro, como o húngaro István Orkény (1912-1969), e escritores consagrados, como Púchkin, Tchekhov, Tolstói e Gógol. Em 2001, o professor e tradutor Paulo Bezerra iniciou um ousado projeto de tradução dos grandes romances de Fiódor Dostoiévski. Obras como *Crime e castigo* foram traduzidas pela primeira vez no Brasil diretamente do russo, o que transformou Dostoiévski no grande carro-chefe da coleção.

A editora se prepara para lançar, em breve, a novela *Minha vida*, de

Tchekhov, “um texto pouco conhecido do escritor, que é mais famoso por seus contos e peças”, de acordo com o editor Cide Piquet. Segundo ele, a literatura do leste europeu continua muito pouco divulgada por aqui. “Aliás, recentemente a editora Hedra publicou uma coletânea de contos húngaros – com boa tradução de Paulo Schiller – que inclui, entre outros, Deszö Kosztolányi. Há muitos escritores desses países que não conhecemos. Para sair um pouco do campo da prosa, posso citar o importante poeta húngaro Attila József, por exemplo.”

Clássicos desconhecidos

Mesmo com um número cada vez maior de editoras trabalhando com clássicos, ainda há textos de grandes escritores desconhecidos do público brasileiro? “Claro!”, responde Bojadsen, da Estação Liberdade. “Estamos reeditando *Paradiso*, do Lezama Lima. É o gosto do risco. Tem um pouco da coisa de ‘missão’. Você se sente como que obrigado a fazer certas obras. Como não tem Lezama Lima nas estantes brasileiras? Como não tem (tinha) André Gide nas estantes brasileiras? Ou Peter Handke? O *Sobre a morte*, do Canetti!”

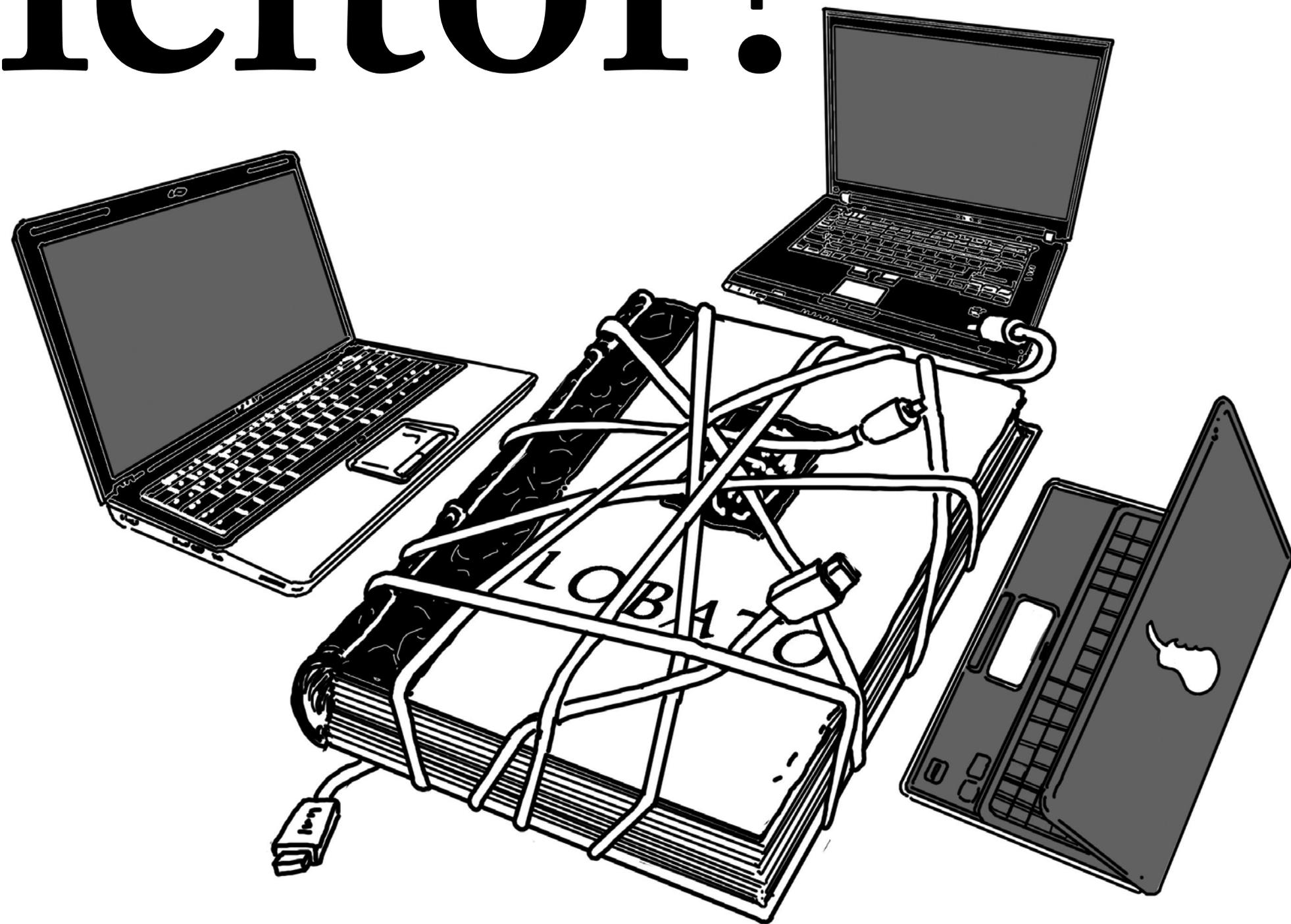
Em alguns casos, os autores são vítimas de si mesmo, de uma ou duas obras-primas bem-sucedidas que acabam eclipsando o restante de sua produção. Nesses casos, joias literárias podem permanecer “escondidas” durante muitos anos. “Com o passar dos anos são os grandes livros que passam a se tornar referência de seu autor e o restante de sua produção fica no esquecimento. Então é preciso que algo aconteça para que tais livros sejam resgatados. Uma iniciativa interessante acontece nos Estados Unidos: *The Library of America* é um projeto que visa manter toda a bibliografia de importantes escritores sempre em catálogo. É uma forma de evitar que os livros de menos sucesso fiquem esquecidos”, diz Thiago Tizzot, da Arte&Letra. ■



Mudaria o leitor?

Ana Maria **Machado**

Ilustração: **Rafael Campos Rocha**



Ana Maria Machado, autora de mais de cem livros para crianças e adultos, defende a internet e as mídias sociais como formas de difundir a leitura e a escrita

Vocês me pedem um texto “sobre como é escrever, hoje, para um público que está mais acostumado com o computador do que com o livro de papel”. E como esclarecem que esse número especial do jornal **Cândido** será dedicado à literatura infantojuvenil, parto do pressuposto de que o público a que se referem é o constituído por crianças e jovens. A resposta verdadeira é absolutamente simples, de uma candura exemplar: é igualzinho ao que era antes. Não tenho a menor dúvida a respeito.

Mas não pretendo ser ingênua. Sei que, se perguntam, é porque há dúvidas por parte do perguntador. Ou seja, imagina-se que é diferente. Sei lá por quê. Será porque a língua é diferente? A literatura é diferente? O leitor é diferente? E será que se acha que o escritor tem um compromisso com a moda do momento e deve procurar ser efêmero para acompanhar essas mudanças que se sucedem cada vez com mais rapidez? Para tentar desfazer esses equívocos, procuro olhar a situação mais de perto.

Em primeiro lugar, vamos limpar o terreno. Não há por que distinguir o ato de escrever para o público adulto do ato de escrever para crianças. Quando se trata de literatura, claro. Se estivéssemos falando de obras didáticas ou de formação profissional, evidentemente constataríamos que há um abismo entre uma cartilha e um manual de

linguística, por exemplo. Mas num jornal literário, podemos ter como ponto de partida a premissa de que só vamos nos ocupar das obras literárias. E nesse caso, sabemos todos que um autor não escreve para um público predeterminado e escolhido previamente, apenas mais acostumado a isto ou aquilo. Escreve porque quer expressar algo (e expressão tem a ver com uma pressão de dentro para fora, que parte do seu íntimo e se joga no mundo). Ou seja, ainda continua válida a metáfora de Stendhal: um livro é uma garrafa lançada ao mar, com uma mensagem: “agarre quem puder”. Na hora em que o autor começa a se preocupar em atender especificamente esse eventual agarrador de garrafas, vai saindo do terreno da literatura e passando para outros – o da didática, do marketing, do jornalismo...

E por falar em jornalismo, vale a pena nos determos nessa escala, para clarear outro grupo de mal-entendidos. Literatura não é jornalismo. Por mais que possa haver muitos e ótimos jornalistas-escritores ou escritores-jornalistas. Como sublinhava Ernest Hemingway, excelente em ambas as áreas, ganhador de um Prêmio Pulitzer e de um Nobel: “jornalismo nunca fez mal a um escritor. Desde que largado a tempo”. E por quê? Porque o jornalismo, horizontalmente, tenta abarcar com rapidez uma grande extensão, enquanto a literatura, verticalmente, pretende mergulhar pontualmente na profundidade. E também porque o jornal no dia seguinte já está velho, enquanto a literatura continua viva e ainda se apura à medida que o tempo passa – como se comprova não apenas em clássicos antigos, de Homero a Machado de Assis, mas também em algum excelente livro saído no passado e apenas lido agora. Em outras palavras – e isso tem tudo a ver com a questão proposta: escrever literatura não é uma tentativa de ir ao encontro de costumes e preferências transitórias

de um público, para agradá-lo e reforçar seus hábitos de consumo. Muito pelo contrário. Escrever é uma ruptura com o ramerrame e o consumo, uma aposta em certas permanências. Ou transcendências, se preferirem. Como toda arte. Como lembra Ferreira Gullar em algumas formulações excepcionalmente felizes: por um lado, é uma busca de completude, porque a vida apenas não basta. Por outro, é um questionamento do sentido de estarmos aqui, ao se tentar traduzir uma parte de nós mesmos em outra parte e compartilhar esse processo com os outros.

Nessa aventura da escrita literária, o fundamental no ato de escrever – o que lhe garante independência em relação aos modismos passageiros – poderia, simplificada, ser agrupado em dois campos.

O primeiro, básico, é o da linguagem. Um autor escreve porque *vê* a linguagem e tem necessidade de explorá-la, desafiá-la e aceitar seus desafios. Sente prazer nisso. Um prazer intelectual muito nítido. Um escritor digno desse nome, consciente de seu ofício, e não apenas procurando “o mapa da mina para vender uns livrinhos a mais”, não vai abrir mão disso ao sabor de voças momentâneas. Esse mergulho na linguagem não tem preço – para ficarmos no *slogan* que remete ao mercado editorial. Não há por que jogá-lo fora, procurando se adaptar ao transitório.

O segundo campo tem a ver com as circunstâncias históricas em que vivem os leitores. Às vezes se imagina que as leituras dos jovens deveriam “ter a ver com a realidade deles”. Chega a ser engraçado. O fato de percorrerem as estradas da França a cavalo e não em moto não faz com que as aventuras dos Três Mosqueteiros sejam empolgantes. É a maneira fascinante como Dumas constrói sua narrativa. Qualquer leitor constata isso com facilidade. O que tem a ver com a realidade das pessoas é o

que as atinge ou revela por dentro, não a maneira pela qual se vestem ou os objetos que usam no seu cotidiano.

É um desrespeito à inteligência dos jovens imaginar que, por estarem acostumados com computador e internet, convertem-se em semianalfabetos, incapazes de se deliciar com um bom texto que não fale de sua realidade imediata. Por um lado, obviamente não é verdade. Ao contrário da tela de televisão, que pode hipnotizar um iletrado e até um animal para contemplá-la por horas a fio, a internet e as mídias sociais exigem leitura e escrita. Por outro lado, comprova-se estatisticamente que nunca esse público jovem leu tanto como hoje em dia. Mesmo sem levar em conta as compras governamentais e as adoções às escolas, que consagram autores da área, em vendagens impressionantes, à margem das páginas da imprensa que pensa que sabe tudo sobre o setor. No mais, basta olhar as listas de mais vendidos, dominadas por bruxinhos, vampiros e livros de mulherzinhas. A tal ponto que, seguramente, indicam que é isso o que a maioria dos adultos está lendo também. Nada parece apontar para a premissa de que a geração acostumada com os computadores estaria lendo menos por causa deles. Podem é não estar lendo o que os bem-pensantes acham que ela deveria ler... Mas isso é uma outra história, que fica para outra vez – como se dizia no tempo em que o fascínio dos jovens pela literatura tinha de se contentar com histórias ouvidas oralmente e nem por isso menos poderosas. ■

 **Ana Maria Machado** é jornalista, escritora e tradutora. Escreveu mais de cem livros para crianças e adultos, publicados em dezessete países. Em agosto de 2003, tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ocupa a cadeira número um. Seu mais recente livro é o romance *Infância* (Alfaguara, 2011). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

“A vida pode não ter sentido, mas não é proibido dar-lhe algum”

Ricardo Azevedo, um dos mais premiados autores infantojuvenis do Brasil, critica o ceticismo e o niilismo da literatura dita intelectual e diz que prefere deixar no leitor uma expectativa positiva diante da vida e do mundo

Kraw Penas



FELIPE KRYMINICE E MONIQUE CELLARIUS

Quando era criança, na década de 1950, Ricardo Azevedo foi apresentado a uma série de discos em que poetas como Carlos Drummond de Andrade declamavam poemas de sua própria lavra. Foi o primeiro contado com a literatura do futuro escritor – hoje autor de mais de cem livros para crianças e jovens.

“Tive acesso a esse material lá pelos meus nove ou dez anos. Até hoje trago na cabeça a voz de Drummond recitando ‘José’, ‘Caso do vestido’ e ‘Morte do leiteiro’. Qual a questão aqui? Eu, criança de dez anos, de fato teria dificuldades para ler aqueles poemas. Mas não tive nenhuma para escutá-los, o que fiz com grande interesse e emoção! Noto que eram poemas para ‘adultos’”, diz o escritor, que esteve na Biblioteca Pública do Paraná participando do projeto “Aventuras Literárias”.

A história serve hoje para que Ricardo Azevedo explique por que torce o nariz para a segmentação que se faz entre literatura “adulta” e “infantojuvenil”. “Certamente alguns livros são capazes de estabelecer maior identificação com crianças ou com jovens do que outros, mas é simplista demais reduzir a literatura a produções dirigidas a determinadas faixas etárias. Tal postura tem a ver com mercados, não com literatura.”

Azevedo também falou ao **Cândido** sobre as novas tecnologias e o desafio de tornar a literatura atraente a crianças que já nascem com um *mouse* nas mãos. “O que preocupa não são as novas tecnologias, mas sim sua utilização por gente individualista e consumista, por técnicos acrílicos e despolitizados.”

Há mais de 30 anos escrevendo, Azevedo diz que a experiência, ao contrário do que se pensa, aumenta ainda mais o desafio de escrever uma nova história que seja atraente, singular e que não repita aquilo que um autor com tantos li-

vros publicados já fez. “Com o passar do tempo, a gente se torna mais exigente e crítico. Em princípio, ninguém quer ficar repetindo coisas que já fez. Meu desafio tem sido tentar utilizar a experiência que adquiri ao longo dos anos para fazer algo que ainda não fiz. Acho um desafio estimulante, desses que dão sentido à vida.”

Uma pergunta que sempre surge quando o assunto é literatura infantojuvenil, mas que é praticamente impossível deixar passar: qual o cuidado que se deve ter na hora de escrever uma história infantil? Separar ficção e realidade é sempre uma preocupação?

Separar a ficção da realidade sempre foi algo difícil para todas as pessoas, independentemente de faixas de idade. Isso porque, olhando bem, o que chamamos “realidade” não costuma ser algo objetivo, palpável e consensual. Faz de conta que alguém na infância teve uma experiência ruim com certo cara. Digamos que, quando adulto, esse mesmo alguém vá trabalhar na área de contratações de uma empresa. Um dia, aparece para ser entrevistado um sujeito muito parecido com aquele certo cara. A tendência do entrevistador será não simpatizar nem um pouco com o candidato, pois projetará nele, de forma injustificada, suas experiências anteriores. É humano que seja assim e, se bobear, o tal cara não vai conseguir o emprego. Trata-se de um exemplo banal, mas, acho, pode ser esclarecedor. Seres humanos, independentemente da faixa etária, têm experiências individuais, processos inconscientes, singularidades, emoções, culturas, crenças, costumes pessoais e tudo isso irá interferir na sua visão do que seja a “realidade”. É pura idealização imaginar que crianças não saibam separar a realidade da ficção e que adultos saibam. Felizmente, as coisas são um pouco mais complicadas que isso.

Você costuma criticar a divisão que se faz entre literatura infantil e infantoju-

“ O que preocupa não são as novas tecnologias, mas sim sua utilização por gente individualista e consumista, por técnicos acrílicos e despolitizados.”

venil. Quais são as diferenças significativas entre esses subgêneros? Você os vê como subgêneros da literatura?

Certamente alguns livros são capazes de estabelecer maior identificação com crianças ou com jovens do que outros, mas é simplista demais reduzir a literatura a produções dirigidas a determinadas faixas etárias. Tal postura tem a ver com mercados, não com literatura. Daqui a pouco teremos livros de poesia escritos para o mercado de viúvas de 48 anos. As mulheres casadas de 49 anos “naturalmente” deverão ler outro tipo de poesia. Brincadeiras à parte, vejo muita confusão nesse assunto. Em resumo, penso que existem literaturas escritas por especialistas tendo em vista a leitura de especialistas. Estas utilizam recursos muito valorizados em certos meios, como a metaficção; as buscas do estranhamento; a intertextualidade; as experimentações formais; a voz de *outsiders*; as sobreposições de códigos e os chamados fluxos de consciência, entre outros. Como resultado, temos algumas obras relevantes e muitas obras insignificantes – em geral, por aplicarem os recursos citados de forma mecânica. Todas, porém, com um denominador comum: a feita especializada tendo em vista o leitor especializado. Muitas vezes, essas obras são chamadas de “adultas”. Ocorre que, talvez 90% dos leitores adultos, independentemente do grau de escolaridade, não são tão especializados, nem estão capacitados para ler tais obras que costumam ter um público acadêmico, de

técnicos e especialistas. Ao lado dessa literatura para iniciados, e sempre em resumo, creio que existem outras, bastante heterogêneas, que, da mesma forma, podem resultar em algumas obras boas e muitas ruins. No geral, elas poderiam ser chamadas de populares por duas razões: um: invariavelmente, recorrem a uma linguagem pública, direta e acessível; dois: abordam temas e questões humanas da vida concreta buscando gerar identificação na maioria das pessoas, independentemente de graus de instrução e faixas de idade. Creio que a chamada literatura infantojuvenil está inserida neste vastíssimo e heterogêneo grupo de obras. Por esse viés, ela é muito mais uma literatura popular do que infantil ou juvenil.

Qual o papel dos livros didáticos na difusão da leitura entre crianças?

Infelizmente, a maioria das escolas confunde livros didáticos com livros de ficção e poesia. Em suma, pegam um texto de ficção ou um poema e, de forma utilitária, transformam numa lição objetiva. Ora, a literatura é sempre um discurso marcado pela subjetividade, tende a ser plurissignificativa e implica a leitura sem intermediações. O leitor lê porque quer ler, porque se emociona, se identifica e, ainda, o que é muito importante, porque sente-se livre para construir sua interpretação pessoal. A escola em geral solicita o contrário: ler para receber informações objetivas e assimilá-las. Não tem cabimento interpretar lições de gramática ou de matemática, mas sim estudá-las para aprendê-las. Em outros termos, enquanto nos livros informativos há uma única mensagem a ser compreendida por todos, nos textos literários cada leitor pode e deve criar a sua leitura pessoal. Tento dizer que livros informativos e livros de ficção implicam princípios completamente divergentes e isso precisa ser compreendido por professores e estudantes.

ENTREVISTA | RICARDO AZEVEDO

Com a informação cada vez mais resumida e de fácil acesso, ficou mais difícil seduzir as crianças por meio da literatura? Pensa nas novas mídias, de que forma a literatura deve se adaptar a essa nova realidade?

Essas chamadas novas mídias são muito recentes e não consigo me posicionar com clareza diante delas. Veja a questão das redes sociais. Creio que ninguém neste momento pode prever que efeito elas vão ter em nossas vidas. No que diz respeito às novas mídias, minha sensação é a de que, no fundo, estamos principalmente diante de novos suportes e de novos recursos. Entretanto, continuamos seres humanos cheios de sentimentos, dúvidas e contradições. Gosto da frase: “penso, logo, existo, mas quem sou eu?” A ficção e a poesia são formas de lidar com questões assim. Se serão lidas em livro de papel ou não, em princípio, parece ser uma questão menor. O que preocupa não são as novas tecnologias, mas sim sua utilização por gente individualista e consumista, por técnicos acríticos e despolitizados. Infelizmente, muita gente tem saído das escolas e faculdades nesse estado, formados para ser mera massa de manobra da sociedade tecnológica e de consumo. Isso sim assusta. Na década de 1950, Hannah Arendt falava sobre a responsabilidade intransferível de apresentar aos recém-chegados ao mundo o homem e as culturas humanas. Imagine um cara individualista, consumista, despolitizado, com mentalidade meramente técnica, em suma, um analfabeto social, tendo nas mãos poder político ou armas de destruição em massa. É o que mais se vê por aí!

Quais os livros que marcaram sua infância? Há algum em especial que o fez se apaixonar pela literatura?

Lá pelos meus 15 anos, por aí, tive acesso aos contos do poeta suíço Peter Bichsel. Fiquei fascinado e disse para mim mesmo: quero escrever quem esse

cara. Muitos anos depois, por minha insistência, o livro foi publicado no Brasil pela Ática: *O homem que não queria saber de nada e outras histórias*. Continuo achando um excelente livro e recomendo vivamente. Por outro lado, quando eu era criança, na década de 1950, foram produzidos, pela gravadora Festa, discos com poetas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira e com atores como o grupo Jograis de São Paulo, declamando poemas. Tive acesso a esse material lá pelos meus nove ou dez anos. Até hoje trago na cabeça a voz de Drummond recitando “José”, “Caso do vestido” e “Morte do leiteiro”, além de os Jograis recitando “Carnaval”, de Mário de Andrade, ou o extraordinário poema “Jandira”, de Murilo Mendes. Qual a questão aqui? Eu, criança de dez anos, de fato teria dificuldades para ler aqueles poemas. Mas não tive nenhuma para escutá-los, o que fiz com grande interesse e emoção! Noto que eram poemas para “adultos”.

Você também é ilustrador. Qual o papel das ilustrações nos seus livros? Tem algum receio de que as figuras possam “duelar” com o texto?

Na minha visão, num livro ilustrado de forma adequada, as imagens devem não só dialogar com o texto como, ao mesmo tempo, ampliar as possibilidades significativas desse texto. Neste caso, o todo – o livro em si – resulta em algo maior e mais complexo do que a simples soma de suas partes – texto e imagens – vistas isoladamente. Por essa razão, um livro ilustrado pode ser um objeto interessantíssimo.

Quais são os elementos que você considera importantes em uma história infantil?

Insisto neste ponto: acho que uma história “infantil” não vai interessar nem estabelecer identificação com ninguém. Nem mesmo com crianças. Mas aproveito sua pergunta para tocar em dois outros pontos. Primeiro, sempre escrevo

“ O niilismo pertence a um modelo cultural mais elitista e intelectualizado e, a meu ver, em geral não passa de narcisismo e pretensão.”

partindo do princípio de que crianças, jovens e adultos têm mil vezes mais pontos em comum do que diferenças. Isso me abre um leque imenso de possibilidades. Em segundo lugar, há a questão da esperança. Creio que as literaturas populares tendem ao final feliz ou, pelo menos, a deixar no leitor uma expectativa positiva diante da vida e do mundo. O niilismo pertence a um modelo cultural mais elitista e intelectualizado e, a meu ver, em geral não passa de narcisismo e pretensão. De qualquer forma, a vida e o mundo são muito maiores, interessantes e inesperados do que nossos próprios umbigos. A vida pode não ter sentido, mas não é proibido dar-lhe algum! Adaptando o que disse o carnavalesco Joãozinho Trinta: “o povo sempre gostou de final feliz; quem gosta de final infeliz, ceticismo e niilismo é intelectual.” Não creio que faça sentido escrever um texto que leve o leitor, independentemente de sua faixa de idade, a um beco sem saída. Todorov, aliás, publicou recentemente um livro onde, entre outros assuntos, trata da disseminação mecânica e acrítica do niilismo [*Tzvetan Todorov, autor de A literatura em perigo, Difel, 2009*]. De qualquer forma, acho curioso que niilistas escrevam livros. Se estiverem falando sério, escrevem para quê? Uma última coisa: ter esperança não significa, nem de longe, ser ingênuo ou deixar de se ter pensamento crítico, ao contrário. Pretender escrever um livro que emocione, faça pensar, traga ideias inesperadas e um sentimento bom e vital, da mesma forma que pretender construir um futuro

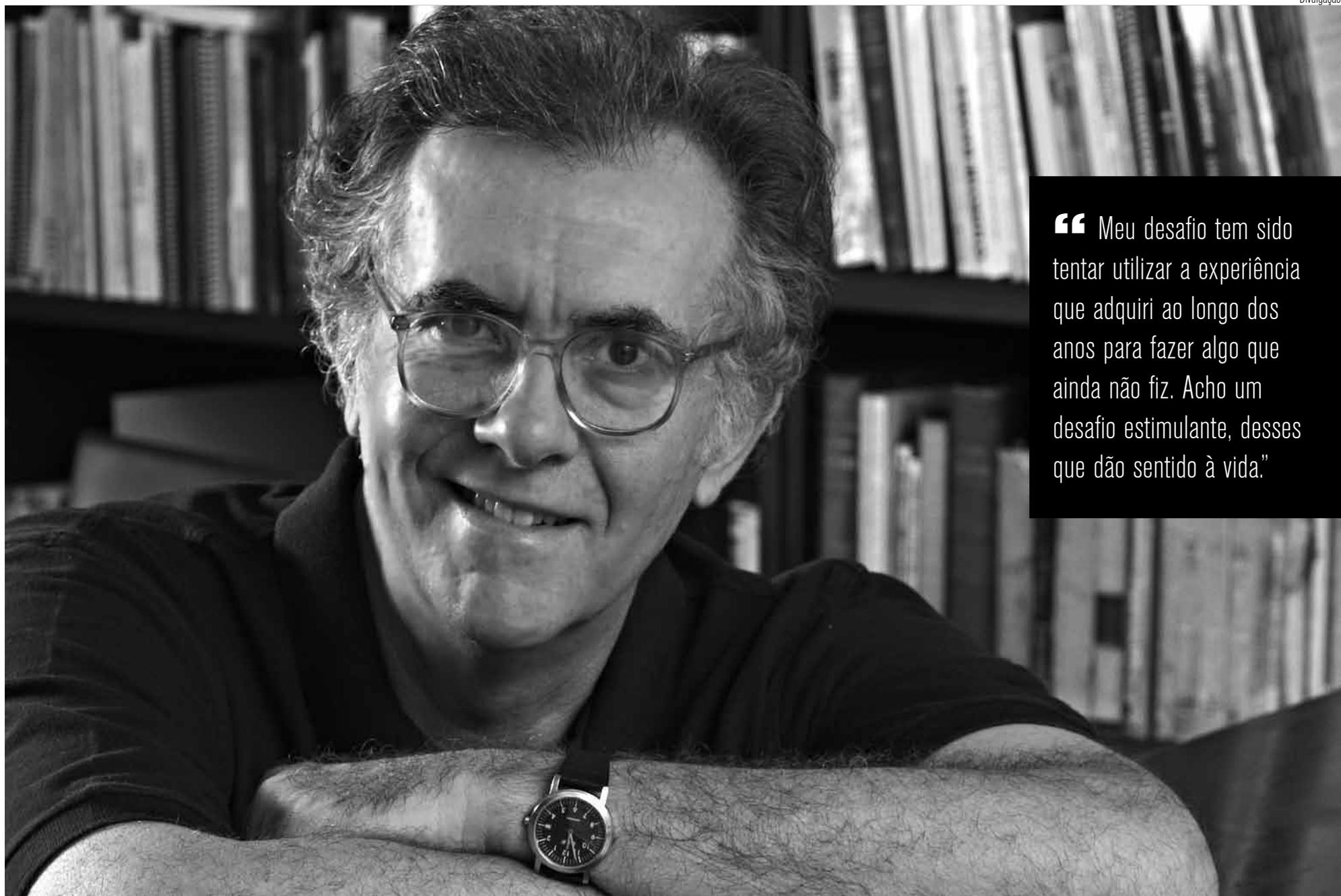
melhor e mais civilizado, onde haja uma maior solidariedade entre todos os homens e um diálogo melhor entre o homem e a natureza, são exercícios de puro pensamento crítico.

Na literatura de um modo geral se percebe uma clara distinção entre as classes sociais. Há, inclusive, gêneros e autores classificados como elitistas, outros são vistos como mais populares. Essa distinção social também é vista na literatura infantil?

Não há espaço aqui para falar das eventuais associações entre as literaturas e as diferentes classes sociais, assunto muito complicado e mais ainda nos dias de hoje. Mas, olhando bem, se levarmos em conta a existência de um todo abstrato e mais ou menos homogêneo, a “sociedade brasileira”, vamos concluir que ela é profundamente identificada com os modos de vida “subalternos” e “populares”. Isso ocorre mesmo em seus estratos escolarizados, inclusive universitários, e em que pese a influência dos meios de comunicação de massa. Em outras palavras, é perfeitamente possível, além de muito comum, encontrar em nosso país pessoas que, embora tenham “nível superior” – terceiro grau, bons salários, acesso a tecnologias, preparo técnico e especializado –, mantenham hábitos, valores e crenças ligados às culturas populares e seus modelos. Eis porque, acredito, as culturas, as literaturas e as artes populares deveriam ser mais valorizadas e estudadas. Trata-se de uma obviedade e de uma questão de inteligência social.

Você escreve há mais de 30 anos. O que mudou de lá pra cá? As crianças têm hoje mais aceitação pela leitura? A sua forma de escrever mudou, sente isso?

Quando publiquei meu primeiro livro, em 1980, não se falava tanto em educação como se fala hoje. Parece que a sociedade, aos poucos, está percebendo que sem um maior equilíbrio social, o que implica educação melhor para todos, maior



“Meu desafio tem sido tentar utilizar a experiência que adquiri ao longo dos anos para fazer algo que ainda não fiz. Acho um desafio estimulante, desses que dão sentido à vida.”

acesso às informações, aos bens culturais, às literaturas e às artes, seremos todos prejudicados. Ao que tudo indica, hoje, um número muito maior de crianças está tendo acesso à escola e à leitura. Trata-se, porém, de um processo lento e que precisaria ser acelerado e aprimorado. Todo cidadão deveria estar seriamente empenhado nele. Mas, voltando à sua questão, francamente, não vejo nenhuma diferença essencial entre, por exemplo, a criança e o jovem que eu fui e as crianças e jovens de hoje. Todos, antes e agora, se apaixonam, têm contradições, têm dificuldades

nas relações com o outro, confundem a realidade e a fantasia, gostam de conforto, detestam ser maltratados, têm dúvidas morais, sonham e têm utopias pessoais, são corporais, sexuados, envelhecem e vão morrer. Aliás, como todo mundo, independentemente de faixas de idade. São esses, creio, os assuntos da literatura.

Como você enxerga a literatura infantil brasileira no cenário literário internacional?

Em um mundo globalizado, esse “cenário internacional” parece cada vez mais igual

e padronizado. Em todo o caso, até onde posso ver, hoje no Brasil se produz uma literatura interessante e significativa que pode ser comparada a qualquer outra.

Qual a dificuldade que as crianças têm na hora de ler?

O contato com adultos leitores, ou seja, o contato com pessoas que saibam diferenciar os diversos tipos de livros ou de discursos – ficção, poesia, ciência, filosofia, tecnologia, informação, etc. – e utilizá-los em benefício próprio, certamente vai fazer com que a criança se torne uma óti-

ma leitora e, melhor que isso, uma pessoa mais sensível, humana e civilizada.

Pensa na responsabilidade que tem ao escrever para pessoas ainda em formação? Isso pesa na hora de criar?

O que posso dizer é que, com o passar do tempo, a gente se torna mais exigente e crítico. Em princípio, ninguém quer ficar repetindo coisas que já fez. Meu desafio tem sido tentar utilizar a experiência que adquiri ao longo dos anos para fazer algo que ainda não fiz. Acho um desafio estimulante, desses que dão sentido à vida. ■

A hora e vez dos vampiros

Gênero sem tradição no Brasil, a literatura de fantasia tem conquistado milhares de fãs e seus autores, best-sellers nacionais, inculcindo o prazer da leitura em adolescentes e jovens

GUILHERME SOBOTA

Segmento dominado por sucessos estrangeiros, os livros de fantasia ganharam, nos últimos anos, *best-sellers* nacionais. Se antes dos anos 2000 o único vampiro que se tinha notícia na literatura brasileira era Nelsinho, o vampiro de Curitiba que gosta mais de sexo do que sangue, hoje o personagem de Dalton Trevisan tem a companhia de seres que fazem jus ao ofício de Drácula.

Hoje vampiros destruidores, que andam na companhia de anjos e demônios pelas ruas de cidades brasileiras, ganharam vez em nossa literatura. Com a expansão da internet, a literatura de fantasia estabeleceu um público fiel e

numeroso, começou a ganhar espaço no cenário nacional e a ser publicada pelas grandes editoras do país.

Mas nossos vampiros encontraram muito crucifixo e alho até chegar às prateleiras das livrarias. Os percalços foram imensos. Com 13 romances publicados, André Vianco é um dos desbravadores da literatura de horror e fantasia no Brasil. Escrevendo há dez anos, Vianco teve um início de carreira curioso. Ao ser demitido de uma empresa de cartões de crédito, onde era operador de telemarketing, Vianco usou o dinheiro do FGTS para imprimir uma tiragem de mil exemplares do livro *Os sete*. De porta em porta, vendeu o livro para diversos livreiros de São Paulo e em pouco tempo esgotou a primeira tiragem. O que chamou a atenção da editora Novo Século, que passou a publicar os livros de fantasia do autor.

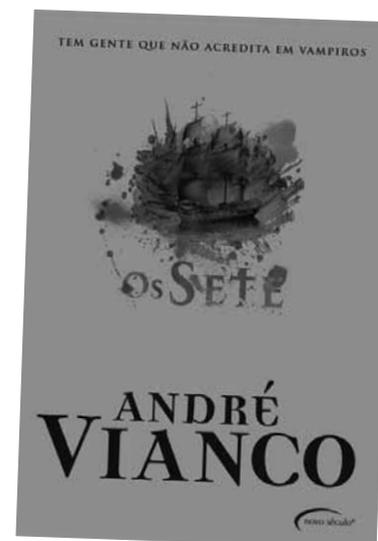
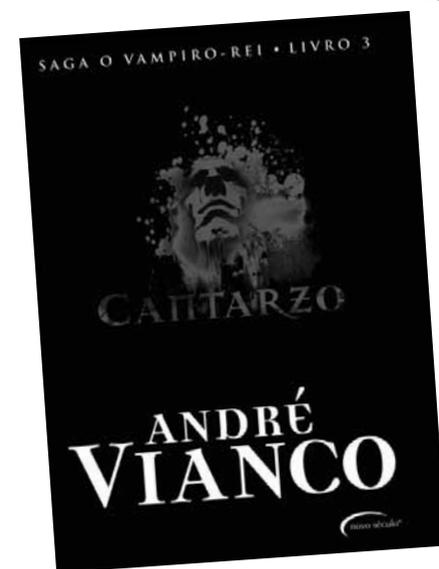
“Foi bem difícil publicar o primeiro livro, que acabou saindo de forma independente. Contudo, com o sucesso, tudo ficou mais fácil. *Os sete* já vendeu mais de 100 mil exemplares. Meus livros, no total, passam das 700 mil cópias vendidas. Com números assim, não há mais espaço para indiferença ou preconceito, editores gostam de livros que vendem bem. Hoje vejo que a literatura de fantasia nacional já tem um espaço reservado nas prateleiras das livrarias”, diz Vianco.

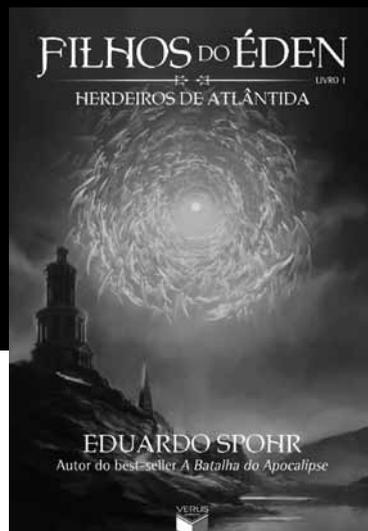
Eduardo Spohr, outro *best-seller* do gênero de fantasia, passou cinco anos tentando a publicação de seu primeiro livro, *A batalha do apocalipse*. “Prefiro entender as dificuldades como obstáculos comuns a qualquer profissão, importantes justamente para que a gente supere os nossos limites”, diz Spohr, que publicou o livro primeiro de maneira independente, pela internet. Após a boa repercussão do romance pela rede, a Record foi atrás do autor e em seguida publicou o livro pelo selo Verus, em 2010.

Segundo Spohr, a internet foi fundamental para que as editoras compreendessem que existe potencial no mercado de literatura de fantasia. “A internet possibilita que os usuários se reúnam por afinidade. Esses grupos são potencializados, conversam entre si, transformam-se em formadores de opinião.”

Mitologia brasileira

Vampiros, elfos, anões, anjos e demônios nunca tiveram muito espaço em nossa mitologia, mais afeita a criaturas como a “Mula sem Cabeça”, o “Boi Tatá” e o “Saci Pererê”. Ainda assim, foi a transposição do universo fantástico à realidade brasileira que fogueou nossos jovens leitores. Vianco é elogiado justamente por fazer essa ponte entre a tradição e o novo. “Os leitores curtem muito as incursões de boitatás, curupi-





ras e sacis, mas claro que dou uma roupagem nova, mais articulada com nossa época, os leitores agora são bombardeados por filmes *blockbusters* norte-americanos, seriados, videogames, redes sociais, etc. É preciso saber escrever para esse público”, diz.

“O Brasil, justamente por ter todo esse sincretismo, por ter paisagens das mais variadas e uma forte espiritualidade, é um cenário perfeito para esse tipo de narrativa”, afirma Eduardo Spohr. O autor ressalta, no entanto, que a produção de literatura de fantasia sempre existiu no país, mas que no passado as obras dificilmente chegavam ao grande público. Hoje em dia, além das pequenas editoras, que publicam em bom número, Spohr relaciona os eventos de literatura fantástica, como o “Fantasticon”, que acontece todo ano em São Paulo, e onde, segundo o autor, “há centenas de títulos de fantasia expostos”.

Os dois autores também citam Monteiro Lobato como um grande exemplo de boa literatura de fantasia feita – e bem aceita – no Brasil. “Acho que o que mais faltou foi uma pitada

de ousadia nas criações dos escritores de fantasia para adultos e também perder um pouco do desdém ao se escrever fantasia para seduzir o leitor com a palavra, fugir dos textos extremamente cabeça e pegar a literatura para divertir o leitor”, diz Vianco, que acaba de lançar *O caso Laura*, romance que pende mais para a trama policial e de suspense.

Marcelo Amado, da Editora Estronho, voltada à literatura de fantasia, faz ressalvas a esse efervescente nicho de mercado. Com sede em Belo Horizonte, a Estronho só publica livros de fantasia de autores iniciantes. “Os leitores ainda têm medo de arriscar na compra de livros de autores nacionais do gênero – exclua aí os famosos. Por outro lado, as editoras esperam autores prontos e com vendas garantidas”, diz Amado.

Para o editor, o mercado de literatura de fantasia no Brasil ainda tem um longo caminho pela frente. “Há autores muitos bons que não têm uma real oportunidade de mostrar seu trabalho, a menos que estejam dispostos a desembolsar cerca de R\$ 15 mil para bancar sua publicação nas ‘grandes’ editoras”. ■

Influências literárias

J.R.R. Tolkien, autor de *O senhor dos anéis*, é uma das grandes referências da literatura de fantasia. Para Spohr, o escritor sul-africano elevou essa literatura a um nível diferente. “Tolkien é importantíssimo porque elevou a literatura fantástica adulta a um nível mais acadêmico. A partir dele, a academia começou a reconhecer o gênero. O que acontecia antes é que a fantasia era somente para crianças”, diz. Spohr, no entanto, revela gostar mais de outro tipo de literatura: a *pulp*. “De Robert E. Howard a H.P. Lovecraft”, diz o autor, que ainda cita Frank Herbert, Isaac Asimov e o brasileiro José Louzeiro, com quem Spohr fez uma oficina de roteiro em 2002.

Vianco vai por um caminho parecido: gosta de literatura de horror, autores como Edgar Allan Poe, passando por Stephen King. Mas os seus escritores preferidos vêm passar longe do gênero do horror: Victor Hugo e Henry James. “Antes de qualquer pessoa ser um grande escritor, deve ser um grande leitor”, afirma Vianco. (GS)



Eduardo Spohr: referência na literatura brasileira de fantasia.

Catando palavras

Desbravador de dicionários na infância, Carlos Careqa virou leitor fiel de Fernando Pessoa, Ferreira Gullar e Carlos Drummond de Andrade. Da paixão pelo verso, surgiu o mote para seu trabalho: o leitor virou poeta

LUIZ REBINSKI JUNIOR

A palavra escrita desde sempre esteve no centro da vida de Carlos Careqa. Antes de enveredar pela música, o compositor foi em busca do bordão perfeito para o mercado publicitário, fez comerciais de sucesso e carreira na área. Também vagou na noi-

te com alguns poetas curitibanos nos idos dos anos 1980, quando começava a escrever suas primeiras canções. Mas a paixão pelas palavras é ainda anterior à empreitada publicitária e às andanças com os poetas, se manifestou quando Careqa era piá e “ficava folheando o dicionário à procura de palavras diferentes e seus significados”. “Acho que foi

a minha primeira paixão pelas palavras. Eu e Lino Procópio – músico e amigo – fazíamos alguns textos bem complicados com essas palavras. Era engraçado e muito proveitoso.” Sem saber, o garotinho Carlos antevia o seu futuro: juntar palavras em frases que lhe dariam sentido à vida.

Nascido em Lauro Muller, Santa Catarina, Carlos Careqa passou a infância e a juventude em Curitiba – entre idas e vindas, ficou na cidade por 21 anos –, onde estudou música e teatro. Nos anos 1990, radicou-se em São Paulo, onde mora há 21 anos. Foi responsável por várias trilhas para peças de teatro e trabalhou como ator em filmes como

Bicho de sete cabeças, de Laís Bodanzky.

Já a trajetória de leitor teve alguma contribuição da escola, mas foi o espírito livre de Careqa que o levou a leituras menos comprometidas com o ensino formal. “Li alguns livros sugeridos pelos professores, aqueles que todo mundo lê na adolescência. Quando peguei gosto pela leitura, me encantei com o Ignácio de Loyola Brandão, depois Bukowski, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar.”

Careqa trabalhava como bancário em Curitiba quando partiu para Nova York com seu violão debaixo do braço. Se apresentou também em bares e casas noturnas de Genebra e Berlim nos anos

1990. Em seguida, ao retornar, atuou no grupo Pêlo Público, em São Paulo. Afinado com a produção da chamada Vanguarda Paulista, de artistas como Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção, de quem foi parceiro musical, Careqa é um compositor pouco convencional, mas altamente criativo, irreverente e... poético. A literatura está impregnada no seu trabalho. Em seu sétimo disco, *Tudo que respira quer comer*, a voz do poeta Mario Quintana aparece na música “Isso passará”, dinamitando as fronteiras que separam poesia e música.

Então, seria no mínimo despropositado perguntar a um compositor, cujas palavras ocupam espaço tão privilegiado em sua obra, se letra de música também é poesia. Para essa indagação bizantina, mais antiga que a vocação poética de Bob Dylan, Careqa se sai com uma resposta pouco óbvia, mas certa. “Para mim, letra de música é letra de música. E claro que pode haver muita poesia nessa letra de música. Poesia é o combustível para se fazer uma boa letra de música. Alguns poemas podem ser musicados. Mas outros só existem pela força poética mesmo.”

À espera de Waits

Em 1986, Careqa assistiu a uma peça de Raul Cruz – dramaturgo que nos anos 1980 fez parte dos grupos “Bicicleta” e “Moto Contínuo”, em Curitiba –, em que as músicas de Tom Waits integravam a trilha do espetáculo. “Saí atrás de tudo do cara. E, desde então, escuto muito Tom Waits. A verve poética dele é muito próxima da minha, pois usamos o cotidiano para construir nossa poesia.” Um dos compositores mais singulares da música americana nos últimos trinta anos, Waits é um artista de espírito indomável, que trafega pelos mais diversos gêneros sonoros, misturando jazz, rock, tango e polca à uma poesia à moda *beatnik*. À sua considerável carreira como músico, somam-se incursões bem-su-

cedidas no cinema, em clássicos de Jim Jarmusch e Robert Altman. E foi essa estética que fisgou Careqa.

A paixão pela obra do bardo americano se materializou em 2008, quando Careqa gravou *À espera de Tom*, um disco com versões de músicas de Waits cantadas em português. “Rain dogs” virou “Eu e meu cachorro louco”, interpretada com a rouquidão característica de Waits, já o clássico “Chocolate Jesus” se transformou em “Guaraná Jesus”, em uma referência ao refrigerante que faz sucesso no Maranhão, uma tentativa de aproximar o estranho universo do americano do público brasileiro. As licenças poéticas não param por aí: a Nova Jersey do fim dos anos 1980, cenário de “Jersey Girl”, é substituída pela São Paulo atual em “A garota de Guarulhos”. “O universo do Tom Waits não é muito diferente do meu. As imagens que ele busca, eu também busco. Tive que adaptar [as referências], pois não fazia sentido cantar em português falando de Nova Jersey. Como eu já vinha estudando o cara há 20 anos, não foi difícil.”

Assim como a poesia pouco convencional de Waits, Machado de Assis também foi uma influência forte para Careqa. Fã da poesia do Bruxo do Cosme Velho, cuja produção poética foi eclipsada pela prosa, Careqa já teve vontade “de fazer uma canção inspirada no conto ‘O homem célebre’, do Machado”. “Mas não fiz”, diz, com certo pesar, o músico.

Hoje, com as atribuições da vida diária, Careqa confessa que tem lido menos. “Mas procuro sempre estar interessado com o que existe na literatura. Leio bastante na internet, textos soltos e poesia”, diz o cantor, que está lendo *Leite derramado*, de Chico Buarque, que fez uma participação em seu disco *Alma boa de lugar nenhum*, gravando a canção “Minha música”. Como nos tempos de juventude, as palavras e os poetas continuam a acompanhar o leitor Careqa. ■



Ilustrações: Theo Szczepanski



O MÁGICO

O mágico desde sempre desconfia de sua falta de talento. E agora está velho e flácido. Acha impossível começar algo novo. Sair do Circo e trabalhar como autônomo... Talvez. Perde-se em pensamentos dessa natureza antes de meter a mão no fundo escuro da cartola. O silêncio expectante da plateia abraça sua insuspeita figura. É então, nesse exato momento, que o segredo salta com suas orelhas brancas e peludas do mais íntimo de sua consciência: *imposteur!* Um sussurro como vento frio varre a alma do mágico. O riso abre-se em lâmina na face bem maquiada. E os arcos das sobrancelhas realçam um ódio anônimo direcionado aos seus cúmplices. É com prazer cansativo que ele oferece àqueles olhares sedentos o arranjo senil de sua Falsa Arte. A sensação é mágica. ■

O PALHAÇO

O palhaço andava triste. Devia dinheiro pra um negociante da alta: o acrobata.

Casado com a mulher barbada — as mais feias são mais vaidosas! E sofrem demais... —, o bufo gastava muito com véus e pílulas. Uma grana elevadíssima. Estava se virando pra pagar. O que entrava, num piparote sumia com os juros exorbitantes. No bolso largo, perdia a mão enluvada. Umas moedinhas infelizes: café & cigarro. Entrava no picadeiro com o andar pendente. A música alta. Os chacaís da plateia e suas cabeças felizes enchendo-se de guloseimas. *Olha maria mooooooleeee! Olha Minduiiiim.* Nada a fazer. Era só um palhaço. Como devia ser, curvava o corpo elasticodolor para além da claraboia, lá onde a lona mira o sol. E lançava o seu riso alucinado acima do voo do acrobata. ■





O DOMADOR

Romão é o domador do Circo. Por superstição, trançou fios de seu bigode à ponta do chicote. Com isso, pensa ele, as feras jamais se aproximam. Entre outros truques, mantém as calças bem apertadas para lhe empertigar melhor o corpo, imprimindo-lhe uma aparência de coragem. Romão é covarde e por isso precisa ser sempre cruel. Exige do dono do Circo que a remessa de alimentos das feras venha viva. Sua prática quase meditativa é deixar os leões com fome por uns dias e jogar uma presa ofegante dentro da jaula. Aprecia muito observar a captura e aniquilamento das vítimas. Porcos pequenos e de pernas curtinhas lhe dão um prazer especial. Uma de suas grandes ideias, inclusive, foi gravar o som lancinante dos víveres para, na hora em que se apresenta ao público, jogar como sutil música de fundo. Suspeita-se que seja por isso que as crianças caem na gargalhada durante este número. Romão já foi visto pelo palhaço devorando um dos coelhos do mágico. O palhaço, que deve dinheiro ao acrobata, aceitou manter o bico fechado em troca de algum troco. Romão também é o tesoureiro do Circo. ■

 **Assionara Souza** nasceu em Caicó (RN), em 1969. Já publicou os livros de contos *Cecília não é um cachimbo* (2005) e *Amanhã. Com sorvete!* (2010), ambos pela editora 7Letras. Os contos aqui publicados pertencem ao livro inédito *Histórias do circo e da cidade*. Vive em Curitiba (PR).

Muito além da técnica

A Divisão de Processamento Técnico é o setor responsável por receber as doações que são incorporadas ao acervo da Biblioteca Pública do Paraná – um dos maiores do Brasil, com quase 600 mil exemplares

FELIPE KRYMINICE E MONIQUE CELLARIUS

Um acervo de mais de meio milhão de documentos – entre livros, periódicos e material de áudio e vídeo – não se constrói do dia para noite – nem sozinho. O acervo da Biblioteca Pública do Paraná vem sendo constituído com a ajuda de doadores desde a fundação da instituição, no longínquo ano de 1857, apenas quatro anos depois da emancipação do Estado do Paraná, ocorrida em 1853.

A Divisão de Processamento Técnico é hoje a porta de entrada para esses novos títulos – provenientes não só de doação, mas também de compra. A Técnica, como a Divisão é chamada, é responsável pelo recebimento, seleção e o respectivo encaminhamento das obras que chegam à BPP. A Técnica compreende todas as etapas do processo de cadastro de um novo item.

Assim que uma nova doação chega, há uma seleção prévia feita pelos funcionários da própria Divisão de Processamento Técnico. Depois disso, os títulos são separados de acordo com o assunto e os chefes das Seções decidem se o material é pertinente ou não. Caso o material seja aproveitado, ele segue então para a Seção correspondente ao seu assunto.

Uma vez aproveitados, os materiais passam pelo processo de catalogação, classificação e indexação – etapa que consiste em determinar o assunto da obra. Por fim, realiza-se o cadastro no sistema local. Em seguida, acontece o preparo físico, que se dá por meio da confecção de bolso e etiqueta para cada exemplar.

“Já os livros que não são incorporados ao acervo da BPP, a Divisão de Extensão se encarrega de encaminhar para Bibliotecas Públicas Municipais que tenham interesse”, conta Mara Rejane Vicente, chefe da Divisão de Processamento Técnico.

Rejane ainda destaca a individualidade de cada item e a minúcia que o trabalho de seleção envolve. “Um livro não é como uma mercadoria comum. Cada exemplar tem sua singularidade, sua individualidade e suas características. Há todo um trabalho a respeito de sua origem, seu estado de conservação. Também buscamos informações sobre o número de sua edição, além de uma avaliação para saber se se trata de uma obra rara. Enfim, existe todo um cuidado especial com cada exemplar recebido.”

Kraw Penas



Mara Rejane Vicente, chefe da Divisão de Processamento Técnico da BPP.

Doações

A BPP também oferece alternativas para incentivar a doação de livros. Os usuários que não devolveram os livros emprestados ou possuem multas, por exemplo, têm a possibilidade de negociação da pendência por meio da doação de livros. “É um modo de viabilizar a quitação das dívidas e, ao mesmo tempo, enriquecer o acervo da biblioteca”, diz Sizuko Takemiya, chefe da Divisão de Obras Gerais, que também participa do processo de seleção das doações.

Instrumento importante para qualquer biblioteca pública, a doação, no entanto, precisa levar em conta alguns critérios. Rejane diz que não interessam à Biblioteca “materiais incompletos, enciclopédias, livros de direito e técnicos desatualizados, assim como livros didáticos já preenchidos ou rasurados.”

No entanto, destaca a importância das doações. “Em média, recebemos dois mil exemplares por mês. Com a exceção de alguns casos de doações impróprias, a maior parte dos materiais chega em ótimas condições de aproveitamento. O que ajuda a enriquecer o acervo da BPP.” ■

Doadores de letras

Há mais de trinta anos o professor aposentado Sansão José Loureiro doa livros à Biblioteca Pública do Paraná. Em uma conta modesta, feita a toque de caixa, o professor diz que foram mais ou menos cinco mil exemplares doados, principalmente das áreas de direito e literatura.

“A ideia é compartilhar com os outros. Do que adianta os livros ficarem parados na estante?”, pergunta Sansão, que tem especial predileção pelos clássicos e pela literatura contemporânea.

Outro doador assíduo foi o crítico e escritor Wilson Martins, que até 2010, ano de sua morte, espalhava com regularidade seus livros pelas estantes da BPP. Os dois doadores se notabilizaram por disponibilizar obras em boas e recentes edições, o que, ao longo do tempo, acabou chamando a atenção de vários leitores, que passaram a perseguir as obras doadas por Sansão e Martins nas estantes da BPP.

“Às vezes alguns leitores me ligam para conversar sobre determinados livros que doei. São pessoas que têm o gosto literário parecido com o meu”, diz Sansão, que acaba de ler e doar *Nêmesis*, último livro do norte-americano Philip Roth. (FK)

RETRATO DE UM ARTISTA

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Por Yuri Al'Hanati

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski nasceu em Moscou, Rússia, no dia 11 de novembro de 1821. Estudou na Escola de Engenharia de São Petesburgo, e desde a juventude se dedicou à leitura e à produção literária. Algumas de suas obras mais importantes são *O idiota* (1868), *Os irmãos Karamazóv* (1880) e *Recordações da casa dos mortos* (1861). *Crime e castigo* (1866), outro de seus célebres romances, narra a história de Rodion Románovitch Raskólnikov, um jovem estudante que comete um assassinato e se vê perseguido por sua incapacidade de continuar sua vida após o delito. Raskólnikov comete o crime com um machado. A cena da velha usurária Alióna Ivánovna sendo morta permanece como uma das mais célebres da literatura mundial. Dostoiévski teve uma vida perturbada pela epilepsia e pelo vício em jogo. Morreu em fevereiro de 1881, há 130 anos.



 **Yuri Al'Hanati** nasceu em Parati (RJ), em 1986. É jornalista e ilustrador. Trabalha na *Gazeta do Povo* e mantém o blog *Livrada!* (www.livrada.wordpress.com). Vive em Curitiba (PR).

Adélia Prado Ilustração: José Marconi

POMAR

Os açúcares das frutas
me arrombaram um jardim
a meio caminho de trincar nos dentes
a doce areia, seus cristais de mel.
À vibração do que chamamos vida,
onde os adjetivos todos desintegram-se,
o Senhor da vida olhava-me
como olham os reis
as servas com quem se deitam.
Desde agora, pensei, basta dizer
“os açúcares das frutas”
e o jardim se abrirá
sob o mesmo poder da antífona sagrada:
“Ó portas, levantai vossos frontões!”

 **Adélia Prado** nasceu em Divinópolis (MG), em 1936, onde reside até hoje. Já publicou vários livros, entre romances, contos, poemas e literatura infantojuvenil. Entre eles, *Bagagem* (Imago, 1976), *O homem da mão seca* (Siciliano, 1994), *Quero minha mãe* (Record, 2005) e o mais recente *Carmela vai à escola* (Record, 2011). Foi agraciada com o prêmio Jabuti por *Coração disparado* (Nova Fronteira, 1978).

